

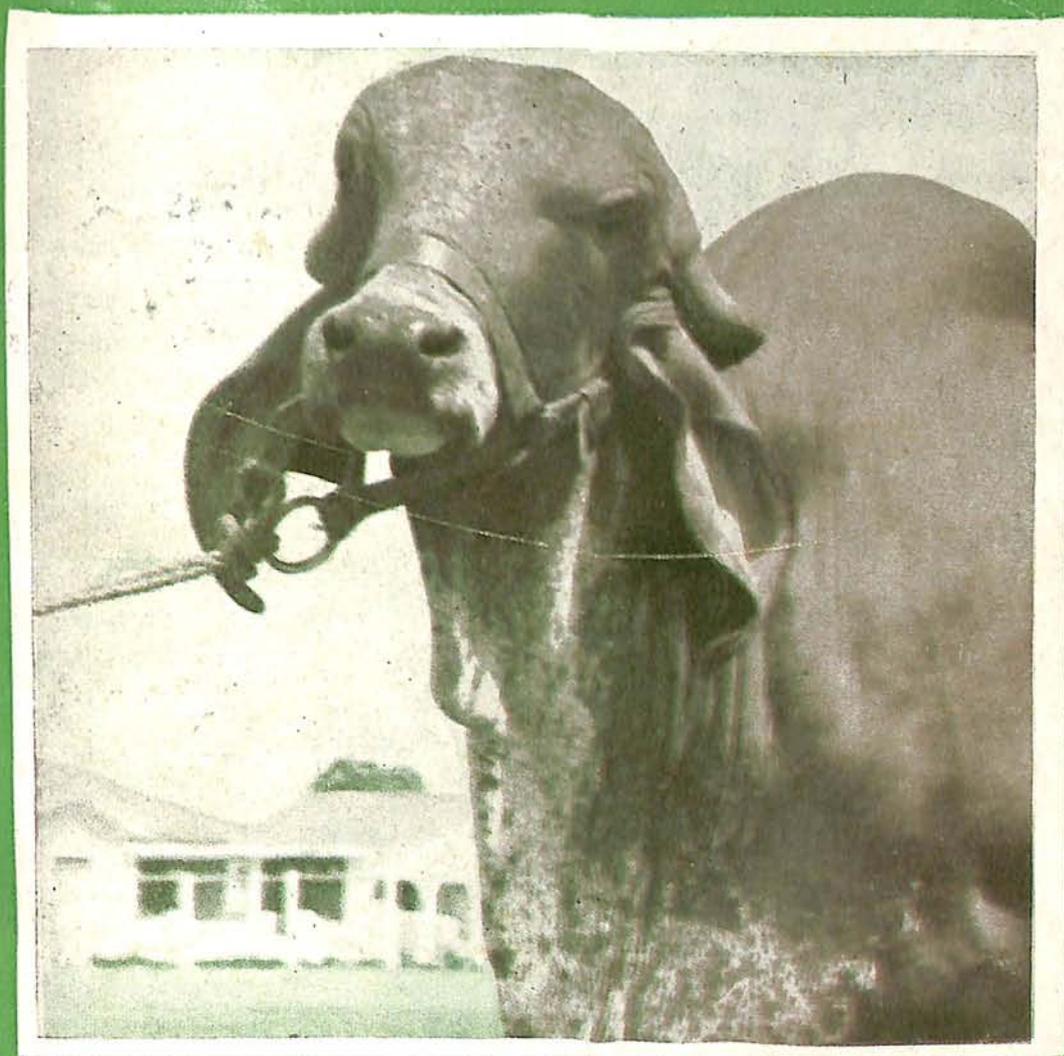
80 PÁGINAS — COM SUPLEMENTO



REVISTA AGRO-PECUÁRIA

ZEBU

Sob o patrocínio da «Sociedade Rural do Triângulo Mineiro»



ANO XV — N.º 119 — Cr\$ 5,00 — DEZEMBRO — 1954

GADO GYR

A CRIAÇÃO IDEAL PARA OS TRÓPICOS: ECONÔMICO, ROBUSTO, PRECOCE, SÓBRIO, MANSO E GRANDE PRODUTOR DE CARNE E LEITE.



Admirável conjunto de animais que levantou todos os grandes prêmios da Raça Gir, na Exposição Nacional - 953 - Salvador, Ba.

Aumente a soma de seus lucros utilizando bons reprodutores em seu rebanho. Para bem comprá-los, prefira-os da raça GYR, marca Eva, da criação do Dr. Evaristo S. de Paula, cujo processo de seleção e melhoria obedece a um trabalho sistematizado e contínuo de quase meio século.

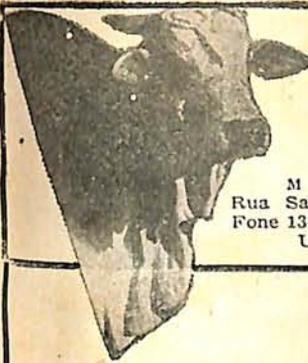
DETENTOR DE INÚMEROS CAMPEONATOS E OUTROS PRÊMIOS EM EXPOSIÇÕES NACIONAIS, ESTADUAIS E REGIONAIS.

Eva

A ostentação desta marca representa garantia de pureza racial e distingue animais de alto poder genético.

DR. EVARISTO S. DE PAULA

FAZENDA do CORTUME
CAIXA POSTAL, 19
CURVELO • MINAS



ZEBÚ DO BRASIL

criação e comércio de gado indubrasil - gir e nelore

MATRIZ
Rua Santo Antonio, 33
Fone 1324 - C. Postal 161
UBERABA

MARCOS MACHADO BORGES

EM S. PAULO
B. Itapetininga, 297 - 8º
Fones: 347925 e 344084
CX. POSTAL - 1.897



MARCA DO GADO

Planteis selecionados, com origem em grandes marcas das Raças NELORE, GIR E INDUBRASIL.



Acima, aspecto tomado em uma das fazendas da organização, vendo-se o sr. Marcos Machado Borges e visitantes, escolhendo rês da Raça Nelore.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

Aos seus assinantes e a-
nunciantes, a Revista Agro-
Pecuária



Caixa Postal, 39

UBERABA



deseja prosperidades e bem
estar no decorrer do Ano-
Novo.

Sumário

Sumário — Nossa capa	4
O zebú e o indubrasil — Redação	5
Um grande rebanho, leitura fluminense Noticiário	9
O Nelore na Índia — Bolsa de estudo zootécnicos á Índia	12
Possibilidades e inconveniências na im- portação de zebús da Índia — Re- latório	19
O zebú e o indubrasil — Osvaldo Afon- so Borges	29
Iª Exposição Agro Pecuária e Indu- brasil, em Alfenas — Noticiário	39
Expediente da Revista	49
Mez de Dezembro	50

Nossa capa

RADAR

A capa principal desta edição apre-
senta o excelente reprodutor de Raça
Gir — RADAR, um dos chefes da sele-
ção estabelecida na Fazenda “Sta. Te-
rezinha”, de propriedade da Sociedade
Agro-Pastoril de Pernambuco, sob a
orientação técnica do dr. José Adolfo
Pessoa de Queiroz, com séde em Recife
e, exposições permanentes á Avenida
Caxangá na capital pernambucana e na
Fazenda “Sta. Tereza”, em Pedro do
Rio, município de Petrópolis, R. J., RA-
DAR, sagrou-se Campeão e “Melhor re-
produtor da Raça Gir, na XIV Exposi-
ção Nordestina de Animais e Produtos
Derivados, em Recife e é um dos mais
perfeitos reprodutores Gir, daquela re-
gião.



Ano XV — N° 119

Sob o patrocínio da «Soc. Rural Triângulo Mineiro»

UBERABA — DEZEMBRO — 1954

“O Zebú e o Indubrasil”

A nossa presente edição marca o início da publicação de um livro magnífico que se intitula «O zebú e o indubrasil», uma obra que, de ha muito se fazia necessária, não só aos estudiosos da realidade e das origens das raças zebuínas no Brasil, como, ainda, a quantos se dedicam ao criatório da variedade brasileira e aos que, pelo seu desenvolvimento, se interessam, sob qualquer aspecto

«O zebú e o indubrasil» foi escrito pelo dr. Osvaldo Afonso Borges, o mesmo autor do livro «O zebú do Brasil», obra a princípio muito discutida e, hoje, procurada constantemente no País e no estrangeiro. «O zebú do Brasil» é considerado como indispensavel a quantos selecionam gado de origem indiana, pelas utilissimas observações que registra, pelos criteriosos conceitos que emite e, ainda, pelos preciosos ensinamentos que leva aos criadores.

Assim, os que conhecem este, podem bem avaliar o que seja a nova obra do dr. Osvaldo Afonso Borges, cuja publicação hoje iniciamos. Em três ou quatro edições, cinco no máximo, nós a teremos publicado em sua totalidade e, aí então, daremos um volume caprichoso, com uma ilustração para início de cada um dos seus capítulos, livro que será posto á venda, logo depois dos meados deste ano.

E' bastante lerem-se os primeiros capítulos de «O zebú e o indubrasil», oferecidos já, por nós, nesta edição, para que o leitor avalie, desde logo, tratar-se de uma obra de fôlego, tratada com o maior capricho e o mais meticoloso escrúpulo, por um verdadeiro conhecedor do assunto, como o é o dr. Osvaldo Afonso Borges e como tal consagrado. «O zebú e o indubrasil», é o primeiro presente de Ano-Bom que vamos oferecer, com exclusividade, aos nossos leitores, aos quais aproveitâmo-nos do ensêjo para desejar-lhes as melhores prosperidades e bem estar no Ano-Novo que se inicia.

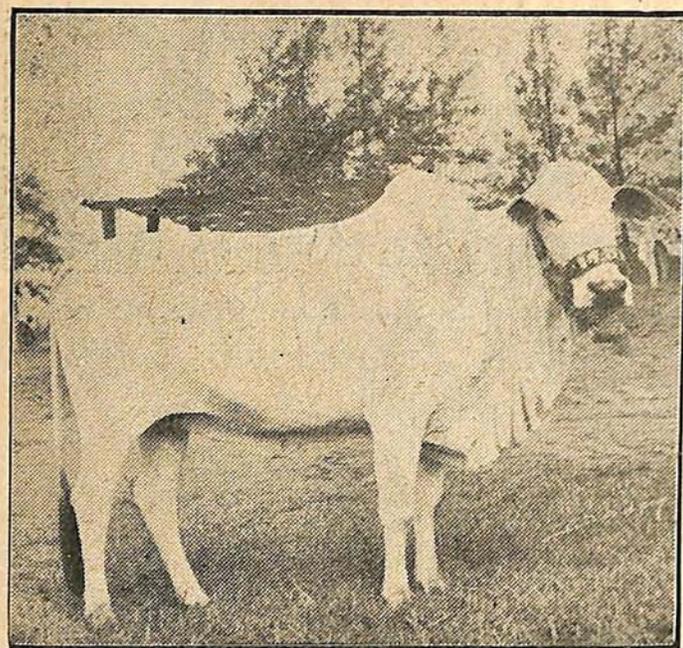
VENDA PERMANENTE DE BE-
ZERROS E GARROTOS

A
M
A
R
C
A



D
O
G
A
D
O

*Ao lado: GALIA, campeã regional
da Raça Nelore e uma das numero-
sas grandes figuras do plantel.*



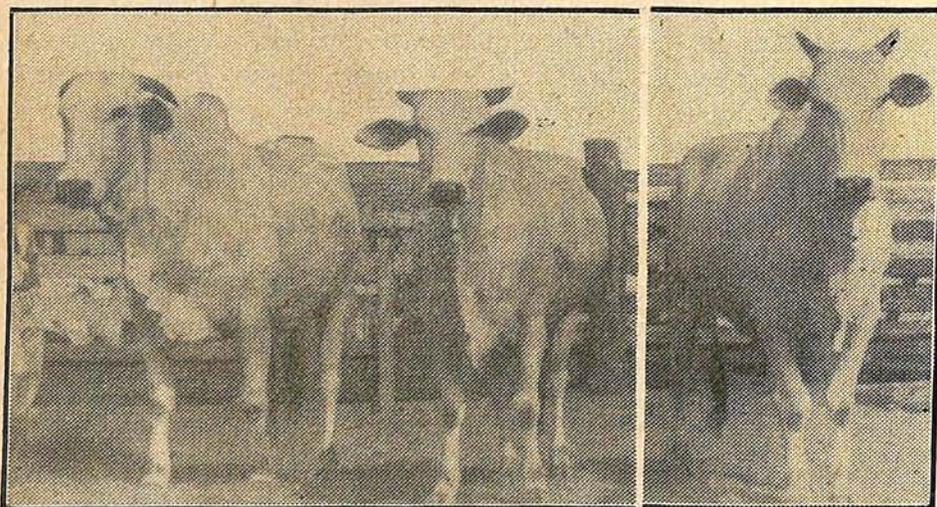
Sorocabana Agro-Pecuária Ltda.

criação de gado zebu e, em especial, uma caprichosa seleção da raça nelore, indubrasil, guzera e gir, em suas estâncias

Fazenda Bomfim — PRESIDENTE BERNARDES — E. F. S. — (S. P.).

Fazenda Fortaleza — PIQUEROBI — E. F. S. — (Est. São Paulo).

Fazendas Reunidas Massangana — ENTRERIOS — (Est. Mato Grosso).



No cliché acima apresentam-se outras magníficas reprodutoras da Raça Nelore, registradas, pertencentes ao plantel da Fazenda.

FAZENDA BOMFIM
C. Postal, 195 — Fone, 56

PRESIDENTE
BERNARDES

— Est. São Paulo —

**DR. HUMBERTO CE-
SAR DE ANDRADE**

Rua Barão de Itapetininga,
297 — 2º — Tel. 34-7698

— SÃO PAULO —

**DR. CLOVIS CARNEI-
RO NOVAIS**

Av. Churchill, 74 — 7º —
Tel. 22-3031

— RIO DE JANEIRO —

**G a d o
G i r**

**M a r c a
J J**

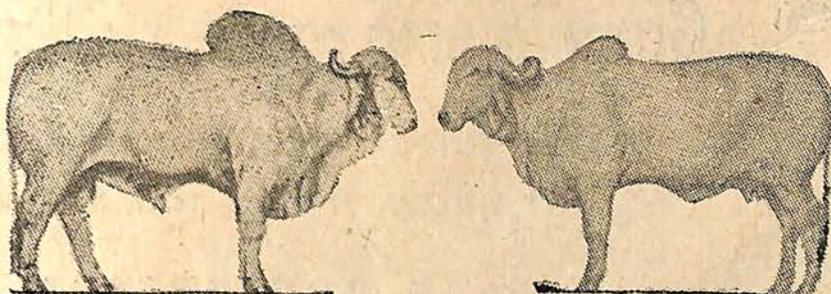
(carimbo D)

**Capitão
Pedro
Rocha
Oliveira**

FONE - 2332

UBERABA

Eis o Padrão da Raça Gir (S. R. T. M.)



Aqui, as grandes figuras do plantel



Esta, sim, é a bezerra Gir — FRANÇA, controle n. 101, vermelho-retinta, filha de BABALÚ e neta de TURBANTE.

FAZENDA

**Santa
Fé do
Cedro**

Mêio século de seleção, iniciada pelo saudoso Juca Pena, fundador da marca JJ e pioneiro da criação de gado gir no Brasil.

**MUN. DE
UBERABA**



Instituto Mineiro de Profilaxia Animal e Rações Ltda.

IMPAR LTDA.

V A C I N A S

Contra a Febre Aftosa

CRISTAL VIOLETA -- CONTRA A PESTE SUINA

CONTRA A RAIVA

CONTRA A PASTEUROSE BOVINA

CONTRA A PNEUMOENTERITE DOS BEZERROS

CONTRA O COLERA AVIÁRIO

CONTRA A PNEUMOENTERITE DOS PORCOS - "BATEDEIRA"

Mistura Mineral I M P A R

**RUA AARÃO REIS, 50
CAIXA POSTAL, 705**

**END. TELEGRÁFICO: «VACINAS»
TEL. 2-5590 — BELO HORIZONTE**

Garanta uma ração sadia!...

e adequada aos animais,
em qualquer época do ano.

A CORTADEIRA "PENHA"



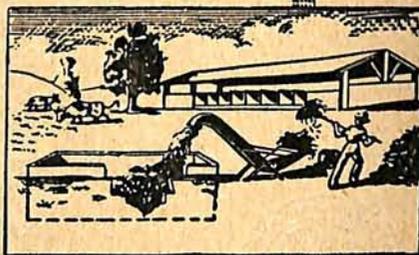
Desfibra - mói - tritura - corta

sem exprimir o suco de todo e qualquer vegetal usado na alimentação de animais. Ideal para o preparo do "SILO". Toda construída em ferro batido e aço, com mancais de rolamentos. Fabricada em 4 tamanhos conforme indicação abaixo. Superioridade absoluta sobre qualquer similar nacional ou estrangeira.

CARACTERÍSTICAS:

Produção horária: 1, 3, 6, 9, Toneladas
— Força necessária 3, 5, 7, 10 H. P.
R.P.M.: 2.000 - 1.800 - 1.800 - 1.800
Peso: 51, 83, 150, 230 Kilos

NOTA - fornecemos informações detalhadas para construção de "silos" por processo simples, eficiente e ao alcance de todos.



De grande utilidade nas esterqueiras, a
CORTADEIRAS PENHA
tritura todos os resíduos estabulares, facilitando a sua fermentação. Resolve o problema do espaço, simplificando hoje a adubagem de amanhã.

Para maiores detalhes solicitem informações e folhetos a

R. HAMA & Cia.

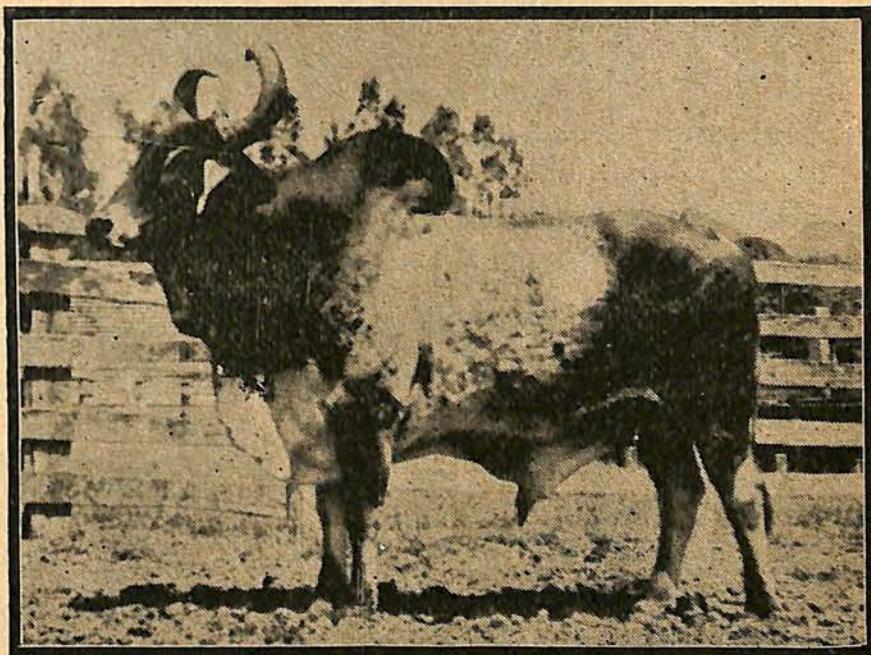
Rua da Cantareira, 656 — Fone: 33-9654 — Caixa Postal, 1817 — S. Paulo

Um Grande Rebanho Fluminense Para Carne e Leite

No Estado do Rio está se generalizando o esforço seletivo por um zebú leiteiro, com base na Raça Guzerá e, boa prova disso são as notícias que de lá nos chegam. Ali, hoje, a exemplo do rebanho leiteiro fundado pelo saudoso criador, cel. João de Abreu e daquele rebanho oriundos, ha vários outros plantéis com as mesmas características e com a mesma finalidade. Esse esforço tem sido compreendido e apreciado, principalmente no criatório paulista, em que numerosos guzeratistas têm surgido ultimamente, fascinados pelas possibilidades leiteiras e evidenciadas pelo Guzerá fluminense.

O magnífico rebanho da Usina «Engenho Central de Quissamã», situado nas proximidades da estação do mesmo nome, da Estrada de Ferro Leopoldina, está sendo submetido a um trabalho racional de ampliação e melhoramento, enquadrando-se naquele padrão leiteiro, sob a orientação inteligente do dr. J. C. Nery que o vem superintendendo, desde alguns anos.

Ainda recentemente o plantél foi enriquecido com a cabeceira da criação até



Acima: EGITO, filho Argolo x Mendonça e neto de Salanço x Norma e neto de Salanço x Norma e de Ceylão x Romana, com as cendentes maiores todos importados.

então situada na Fazenda Pedra Raza, naquele estado, de lá tirando 25 fêmeas registradas e os machos Egito-JA e Iridio-JA, ambos magníficos raçadores, já com produção

comprovada. Com as 35 reprodutoras registradas e os três touros também registrados que já possuía, o plantel da Cia. Engenho Central de Quissaman fica de posse de um grande e excelente material de seleção leiteira, com as linhagens das campeãs Pindorama e Sedutora e, ainda, as de Labor e Togo.

Com características frigoríficas possui linhagens do Argolo-JA e Completo-CP (filho de Kailana e Colombo) o que o credencia para produzir e vender reprodutores com aptidões mixtas para carne e leite, o sonho de muito criador dos quatro cantos do País.



À direita, YANKEE, "compêo visitante" do último certame do Amapá, vendido áquele Território, também, pelo sr. Clóvis Rezende.

CHACARA NOVA GRANJA

UBERABA — FONE 1629

CRIAÇÃO SELECIONADA
DE GADO DA

RAÇA NELORE

PROPRIEDADE DE

CLOVIS REZENDE

RUA SÃO SEBASTIÃO, 35 — FONE 1529 — UBERABA

REPRESENTANTES AUTORIZADOS:

UBERABA:

Clodoaldo Rezende

RUA SÃO SEBASTIÃO, 35

FONE: 1529

— Triângulo Mineiro —

RIO DE JANEIRO:

Tadeu Martins Macêdo

R. SENADOR DANTAS, 24

FONE: 22-9951

End. Teleg.: HOTELOK

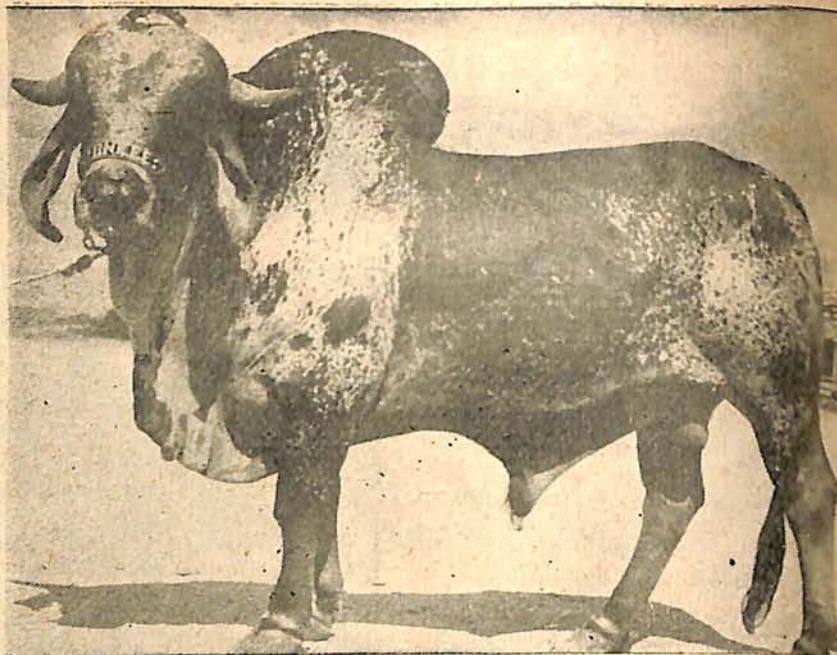
BELEM:

Ferreira, Teixeira & Cia.

RUA 13 DE MAIO, 196

FONE: 3734

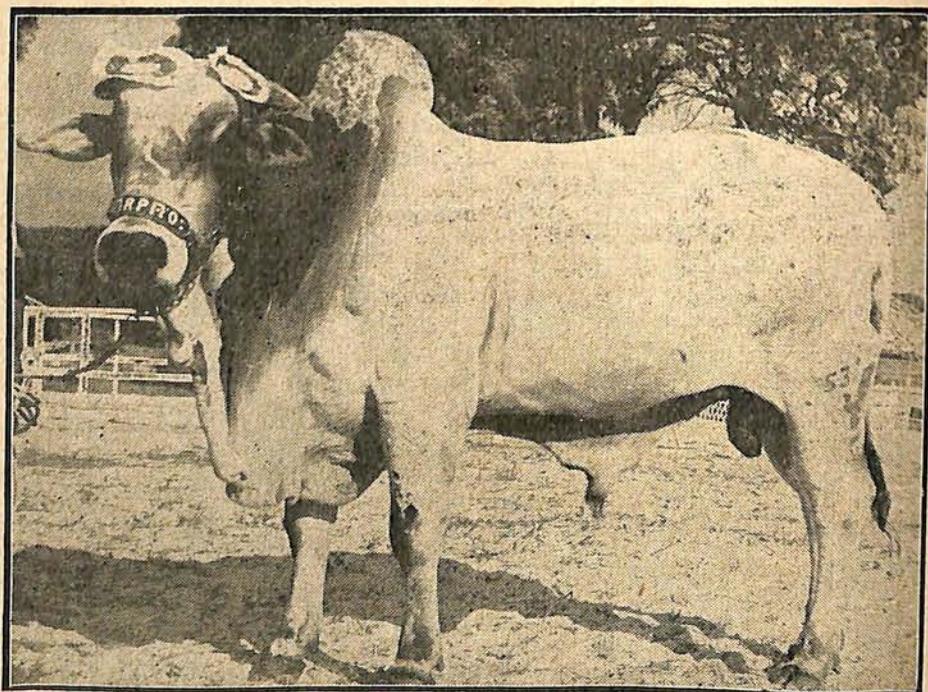
— End. Teleg.: FERTEX —



À direita,
vemos o exce-
lente repro-
dutor:

ARPÃO

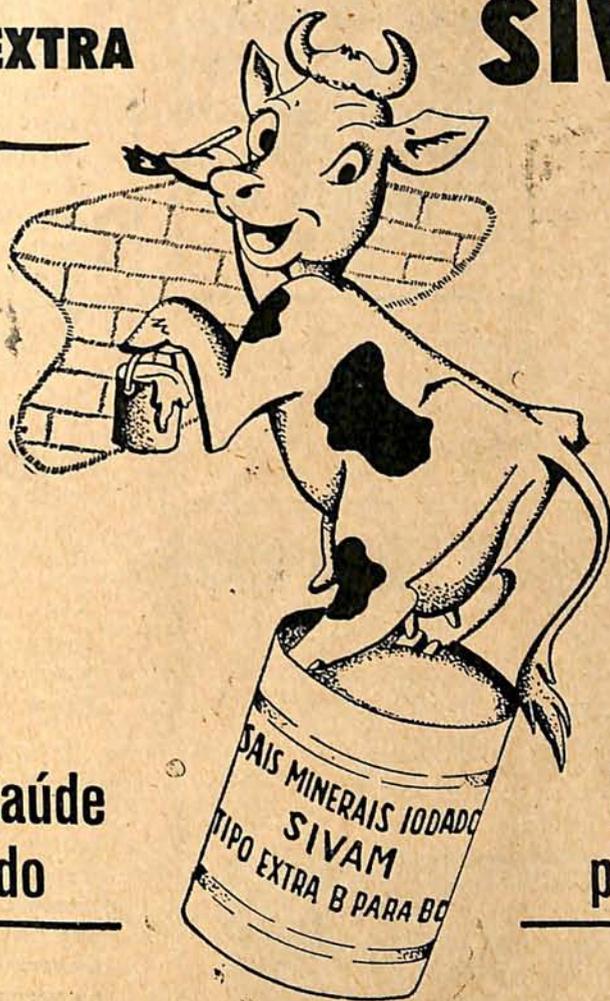
Campeão da Raça Nelore, no recente certame pecuário de Soure, na Ilha do Marajó após ter sido adquirido pelo dr. Fernando Dias Teixeira, criador naquele município.



EXIJO OS SAIS MINERAIS IODADOS

TIPO EXTRA

SIVAM



**Mina de Saúde
para o Gado**

**Mina de Ouro
para o Criador**

OS SAIS MINERAIS IODADOS SIVAM «TIPO EXTRA»

são fabricados nos seguintes diferentes tipos:

TIPO EXTRA B: para Bovinos e Ovinos

TIPO EXTRA E: para Equinos

TIPO EXTRA M: para Suínos

TIPO EXTRA G: para Aves

e contêm todos os elementos minerais indispensáveis e necessários aos animais, inclusive os metais oligodinâmicos raros, de modo a assegurar pela sua adequada composição, uma completa e econômica mineralização, sem necessidade de adicionarem-se mais agentes minerais. São usados há mais de vinte anos em diversos Países pelos melhores criadores que muito apreciam os notáveis resultados econômicos obtidos com despesa mínima.

OS PRODUTOS SIVAM TÊM UM QUARTO DE SÉCULO DE EXPERIÊNCIA !!

SIVAM

CIA. DE PRODUTOS PARA FOMENTO AGRO-PECUARIO
MILÃO - SÃO PAULO - MADRID

SÃO PAULO

RUA 7 DE ABRIL, 105 - 2º ANDAR - SALAS 207/9
CAIXA POSTAL, 9054 - FONE 35-0921

Filial no Rio Grande do Sul:

PORTO ALEGRE

RUA PINTO BANDEIRA, 357, 2.º and.
FONES: 4645 - 5414 - interno 27.
CAIXA POSTAL N.º 2521.

O NELORE NA ÍNDIA

Logo ser fundada a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, desde logo seus organizadores reconheceram a conveniência de estabelecer um intercâmbio cultural e técnico entre o Brasil e a Índia, pela troca de observações, de informes zootécnicos e de dados sobre as raças zebuínas. Em obediência a esses elevados propósitos, um grupo numeroso de criadores e amigos da referida Associação instituiu uma bolsa de estudos para um zootecnista brasileiro completar na Índia as observações e os trabalhos experimen-

Objectivos da Bolsa de Estudos Zootécnicos á Índia, instituída pela Associação dos Criadores de Nelore do Brasil

tais já realizados no Brasil.

E' bem sabido que os atuais zebuínos do país, tanto os de raça Nelore, como Gir ou Guzerá, ti-

veram origem na Índia. O Brasil e a Índia são as duas nações com os maiores rebanhos de gado zebú no mundo e, no entanto, vivem num completo isolamento zootécnico. Não obstante, a considerável importância do zebú na vida dos habitantes desses dois países, seja como animais de trabalho agrícola, seja como elementos de refertilização do sólo, ou como produtores de leite, carne, manteiga e peles, não há nenhum intercâmbio entre os criadores de zebú da Índia e do Brasil. A iniciativa da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil tem o sentido da solidariedade humana, oferecendo os resultados do trabalho de melhoramento selectivo do zebú nacional e colhendo a experiência secular dos criadores da Índia, com objetivo de contribuir para o bem estar comum dos dois países.

Não é preciso por em evidência o indiscutível valor das raças zebuínas para a imensa maioria da extensão geográfica do Brasil. Em virtude de condições de clima tropical, de sólos, de plantas forrageiras, de parasitismo, de transportes e de outros fatores, as raças Nelore, Gir, Guzerá, Indubrasil e seus mestiços operaram autêntica revolução na pecuária nacional. Há observadores imparciais que, reconhecendo a realidade do país, acreditam que a contribuição brasileira de carne para o abastecimento mundial será no futuro superior, sob vários aspectos, ao café e á outros artigos de exportação, graças aos bovinos originários da Índia. Tendo o mais alto interesse em elevar a produção de carne, a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil deseja que um zootecnista pátrio possa ampliar os seus estudos, por exemplo, sugestivos capítulos para estudo na Índia, tendo em vista o que ocorre no Brasil.

A Associação dos Criadores de Nelore do Brasil reconhece que as

PRODUTOS PEARSON PARA 1955

PARA A PECUARIA

- * CREOLINA PEARSON
- * BERNICIDA PEARSON
- * CARRAPATICIDAS ARSENICAIS
1/138 e 1/500.
- * FLUIDO 343 —
Carrapaticida não venenoso à base de BHC — 1/500.
- * FENOTIAZINA PEARSON
Vermífugo.
- * ÓLEO DE FIGADO DE BACALHAU
- * CUTOXINE
Pó anti-sárnico à base de B.H.C.
- * SAGUAIPICIDA
(Tetra Cloreto de Carbono).
- * PALUM
Cura frieiras nos pés do gado.
- * UNGUENTO PEARSON
Pomada larvicida contra bicheiras, etc.

PARA A LAVOURA

- * SECTACINA
Uma linha de inseticidas em pó à base de BHC, para polvilhamento a seco e pulverizações líquidas.
1,5% — 2% — 3% e 12% ISÓMERO GAMA
Proteção completa contra as pragas do café, algodão, milho, trigo, cana, frutas, etc.
- * BROMETIL-DOW
Formicida à base de brometo de metila.
Fumigatório para câmaras de expurgo de cereais, etc.

PARA USO GERAL

- * MEDOL
Antisséptico caseiro e hospitalar de alta eficiência e de cheiro agradável.
- * PESCADOR
Óleo de Fígado de Bacalhau para consumo humano.
- * PALUM
Preservativo à base de Creosoto, para madeiras.
- * TINTA BETUMINOSA PEARSON
Tinta preta para proteger os metais contra a ferrugem.

raças zebuinas poderão participar mais ativamente na produção de leite nas áreas brasileiras, onde não for possível a criação econômica de bovinos especializados da Europa. Nêsse campo a Índia tem preciosos estudos e longa experiência feitos nas fazendas de criação do Estado, em Institutos ou Escolas Agrícolas. Assim está programada a visita aos principais estabelecimentos dêsse gênero, como Pusa, Hossur, Hissar, Lyallpur, Karnal, Alla Bangalore e outros, onde são selecionadas as raças Red-Sindh, Sahiwal, Gir, Nelore, Hariana, Tharparkar e outras.

Vários assuntos correlacionados com a pecuária e agricultura não podem ser esquecidos, afim de inteiro aproveitamento da bolsa, como coleção de espécies de plantas forrageiras indicadas para o nosso país; técnicas de manejo de gado a maneira indú, tidas como úteis ou interessantes; normas de equilíbrio agro-pecuário adotadas em vários pontos da Índia, especialmente em Indore, para a refertilização dos solos cansados. E ainda outras cousas não previstas no momento.

Não faz parte, pois, dos objetivos da viagem do zootecnista a aquisição de reprodutores zebuinos na Índia. E' claro que o problema da importação de zebú da Índia para o Brasil, no seu aspecto zootécnico, deverá ser estudado com especial carinho para esclarecimento posterior dos criadores e para possível orientação das autoridades brasileiras, visando os superiores interesses do país.

A Associação dos Criadores de Nelore do Brasil deliberou conferir a presente bolsa de estudos á Índia ao zootecnista Dr. João Barisson Villares. Essa deliberação teve em vista a contribuição daquele técnico na expansão e melhoramento das raças zebuinas, principalmente por ter sido um dos fundadores do registro genealógico do zebú em São Paulo, por conhecer os principais núcleos de seleção de zebuinos em São Paulo, Minas, Bahia, Estado do Rio e Mato Grosso, por ser o orientador dos trabalhos relativos ao

TELHAS FIBRO - ASFALTICAS MINERALIZADAS

ONDALIT

2 CORES :
BRANCA OU VERMELHA

Tamanho GIGANTE
0,85 m x 1,77 m (1,5 m²)

Tamanho CLASSICO
0,85 m x 1,20 m (1 m²)

LEVES
DURAVEIS
PRATICAS
ECONOMICAS

Solicite folheto às casas do ramo ou á fábrica:

ONDALIT

SOCIEDADE ANONIMA MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

R. VIEIRA DE CARVALHO, 132 • SÃO PAULO • TELEFONE 34-5753

zebú nas fazendas experimentais da Secretaria da Agricultura pela autoria de vários estudos publicados no país e no exterior e pelos manifestos resultados de suas viagens de estudos á América do Norte, Argentina e outras nações. nhcimentos sobre o zebú, conhecendo-o na sua própria terra, pela observação do precioso e imenso rebanho da Índia, representado por 200 milhões de zebuinos.

Dentre os assuntos dignos de maior atenção, esta Associação de criadores deliberou recomendar a inspeção zootécnica dos rebanhos nos distritos de Gontur, Ongole, Kandantur e outros, onde é criada a famosa raça Nelore. O exame dos plantéis de seleção desta raça nas fazendas experimentais

de criação em Chintaladevi e Hosur está já articulado. A visita ao registro genealógico da raça Nelore em Madras e aos principais núcleos de seleção constitue ponto do programa de viagem.

Não obstante ser associação especializada de criadores, a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil fez incluir, dentre os objetivos da bolsa de estudo, observações sobre as demaas raças zebuinas, em reconhecimento ao seu alto valor para a pecuária brasileira. Assim está compreendida visita por tóda a península de Catiavar, desde as seções de Gir até de Surate, onde se cria a valiosa raça Gir. Igualmente estão previstos exames cuidadosos das ra-

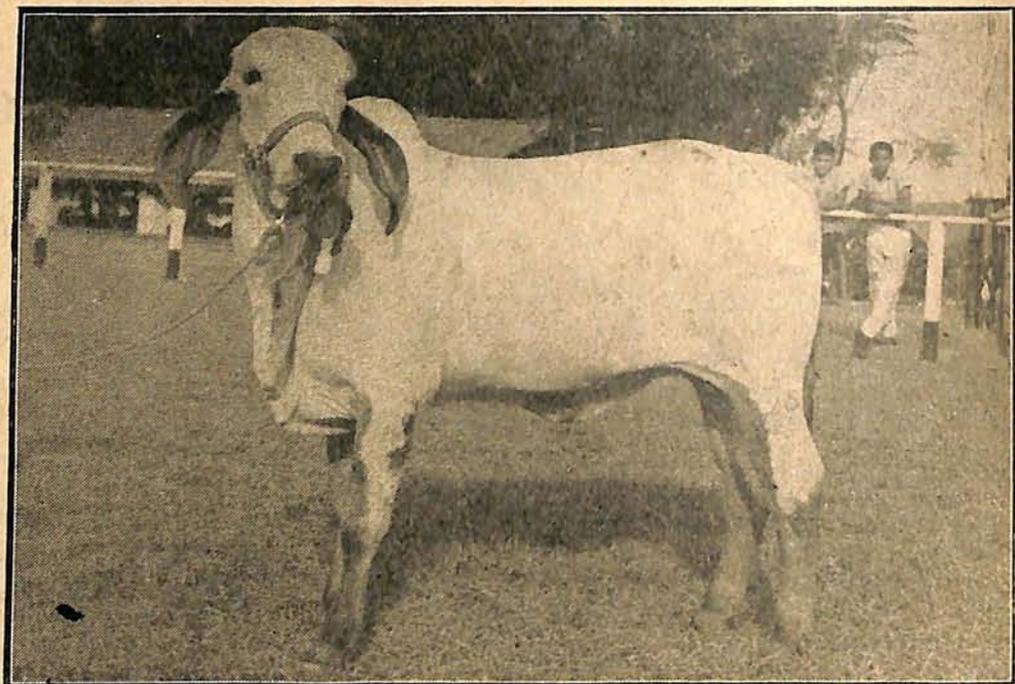
(Concluí á pag. 48)



A' direita, a admirável bezerra da Raça Gir

SUNANDA

filha de PAMIR x ALOMA, 2º prêmio de sua categoria de fêmeas de 12 a 15 meses, naquela exposição.



Uma grande e categorizada criação de gado indiano, chefiada pelo produtor PAMIR, Campeão Nacional de 1951, cujas produções são disputadas com empenho no mercado de reprodutores finos, propriedade do dr.

JOÃO JUNQUEIRA FRANCO

e situada no

CAIXA POSTAL n. 272

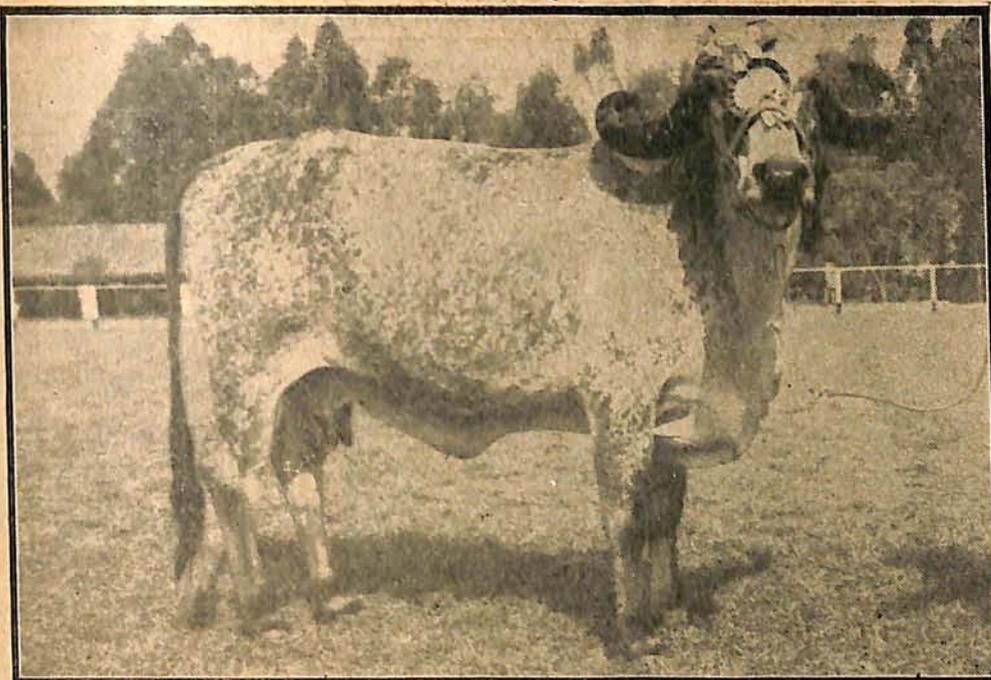
Município de BARRETOS

Est. S. Paulo



A' direita, um grupo de quatro excelentes garrotes da Raça Gir, filhos do Campeão Nacional PAMIR; são eles KINNAR, PAMIR LXXXIII, PAMIR LXVIII e PAMIR LIII, todos premiados no recente certame de gado indiano em Barretos.





○
A' esquerda, a re-
produtora da Ra-
ça Gir:

ARAUNA

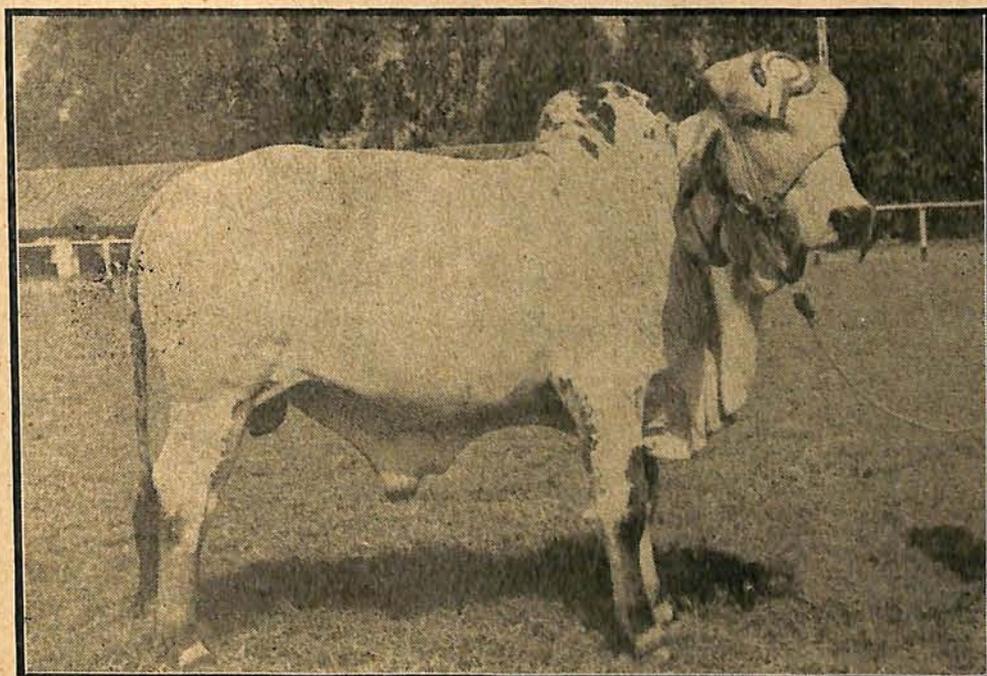
filha de TRIUN-
FO x CIMALHA e
neta da famosa
ROMANA, por
parte desta; pos-
sui os titulos de
"a melhor fêmea
da Vª Exposição
de Barretos" e
Campeã da Raça
Gir, no recente
certame estadual
de gado indiano.

○

Nestas páginas apresentamos algumas das grandes figuras do plantel da Raça Gir e que compuzeram a representação da

FAZENDA SÃO GERALDO

na recente Iª Exposição Estadual de Gado das Raças Indianas, do Estado de São Paulo, realizada em Barretos e em que brilharam os filhos do famoso Campeão Nacional PAMIR.

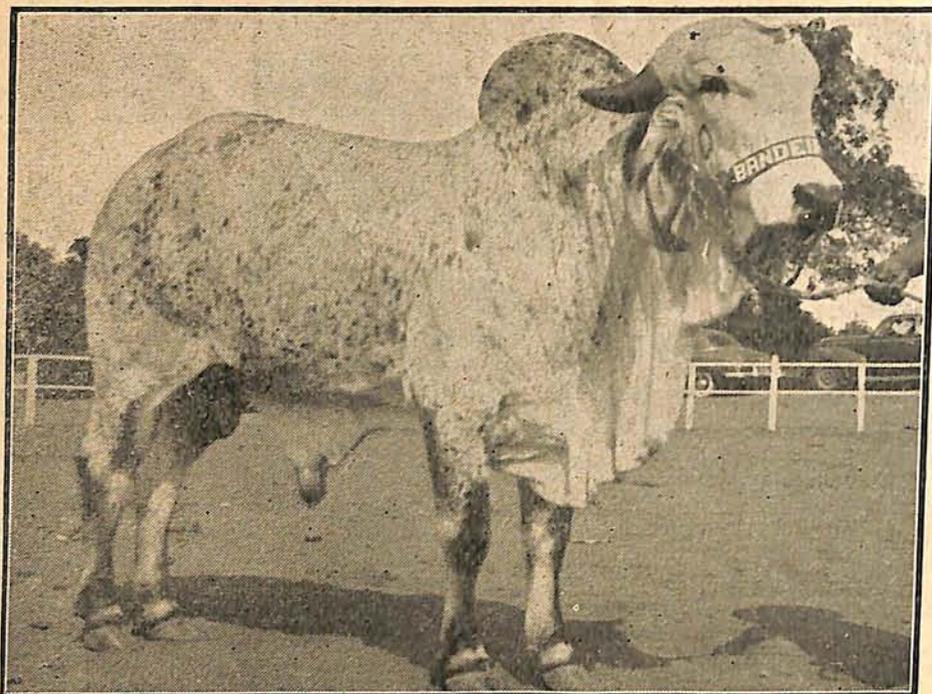


○
A' esquerda, um
magnifico filho de
ARAUNA, o gar-
rote

KINNAR

1º prêmio de sua
categoria na Iª
Exposição Esta-
dual de gado das
Raças Indianas,
em Barretos.

○



★
A' esquerda, o admiravel reprodutor da Raça Gir:

BANDEIRANTE

registrado, cria de Chiquito Maia, neto de Papoula e Pão de Lot, tambem premiado no certame de Alfenas.

★
ANTIGO criador sul-mineiro, hoje exercendo suas atividades na região paulista de Barretos — dr. Mozart Ferreira, levou uma notavel representação da Raça Gir, á Iª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Alfenas.

Tendo-se especializado em trabalhar somente com gado muito fino, pois é seu sistema de comerciar, adquirindo e vendendo "sempre o melhor", não constituiu nenhuma surpresa, obter ali a sua representação seis prêmios, dos quais dois

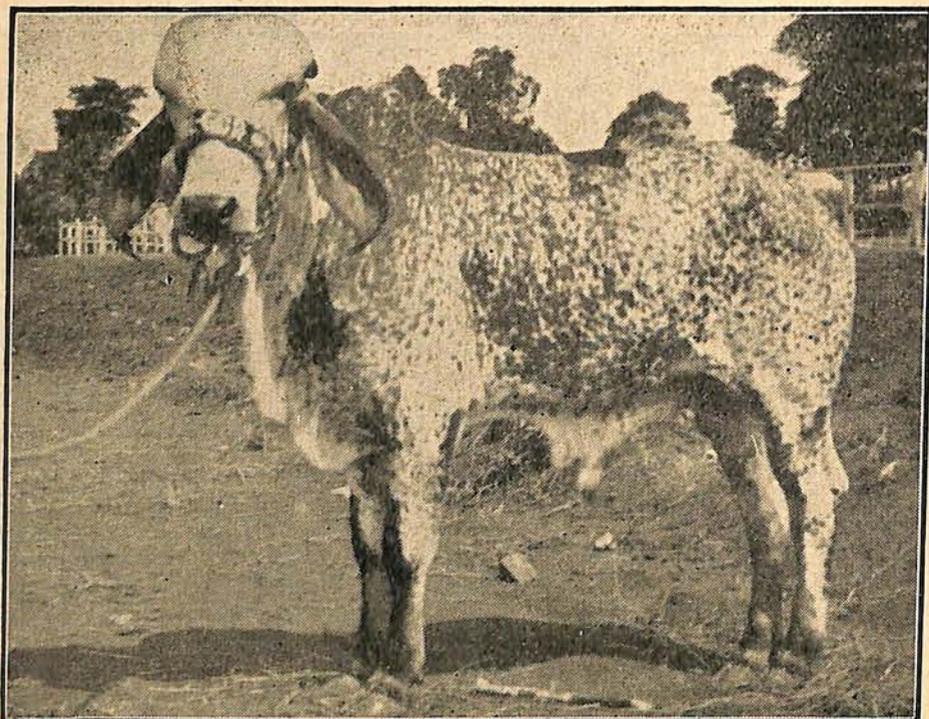
primeiros, para sete espécimes apresentados.

Como grande conhecedor da região e do "metier", não nos furtamos ao desejo de ouvir as impressões do dr. Mozart Ferreira, sobre o certame de Alfenas:

★
A' direita, outro excelente reprodutor da Raça Gir:

FULGÔR

1º prêmio de sua categoria de 8 a 12 meses, no certame. Foi vendido ao criador, sr. Moacir Tiers Vieira, de Varginha, Sul de Minas.





A' direita, o ótimo
garrote da Raça Gir

NORTISTA

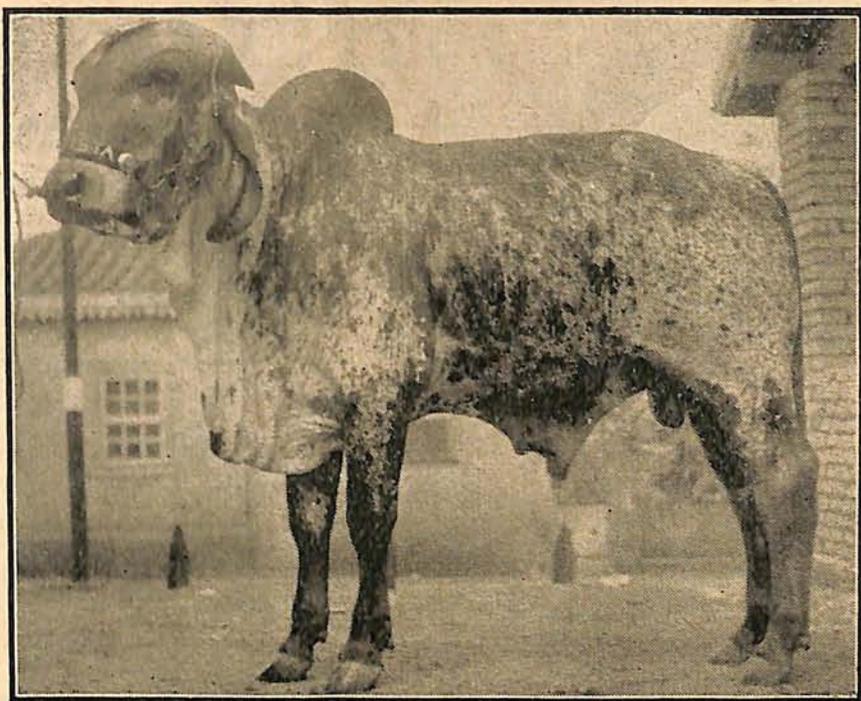
Campeão Junior do
certame alfenense e
vendido ao criador,
sr. João Urbano de
Figueiredo Filho, de
Varginha, Sul de
Minas.



*"Realmente, disse-nos S.S.,
constituiu para mim uma agra-
dável surpresa as proporções e
o êxito conseguido pela inau-
guração da 1ª Exposição
Agro-Pecuária e Industrial de
Alfenas. E' verdadeiramente
admirável o esforço e o tra-
balho do sr. Jorge de Souza,
presidente da Associação Ru-*

*ral e do dr. Pedro de Siqueira,
Prefeito Municipal, liderando
aquela pleiade de criadores al-
fenenses que dotaram sua ci-
dade, verdadeiro centro do
criatorio sul-mineiro, de um
tão amplo e bem feito parque
de exposições e que, de tal for-
ma, se têm tornado elementos
decisivos para o desenvolvi-
mento de sua pecuária; ao*

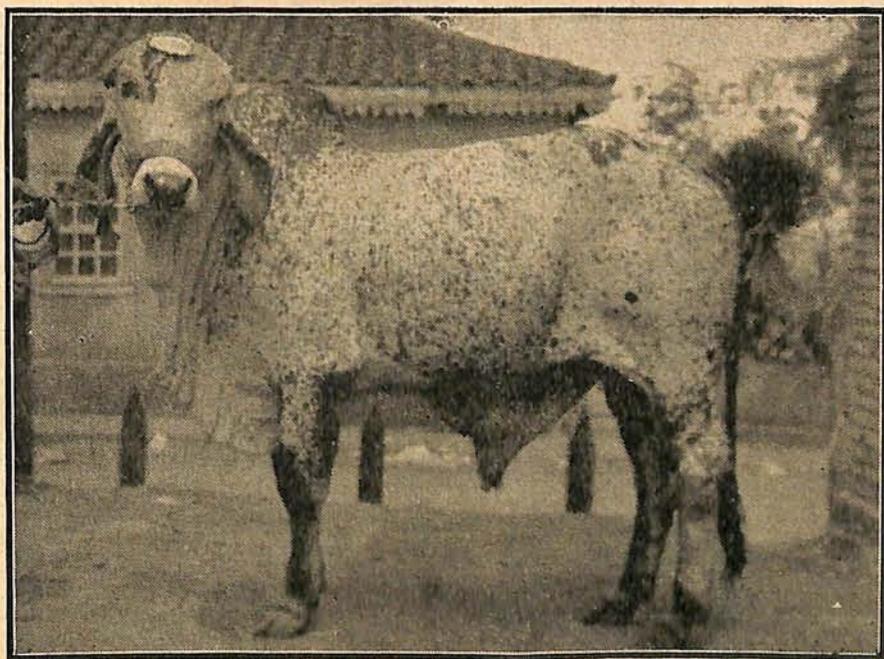
*verdadeiro espirito de coope-
ração que, hoje, reina entre
eles, devem-se estas obras que
agora se inauguraram, e nem
poderia ser de outra forma,
dado o número elevado de pe-
cuaristas, dando esse aprecia-
vel desenvolvimento que se
vem verificando, para quan-
tos, como eu, se interessam pe-
la pecuaria sul-mineira".*



A' direita, o excelen-
te garrote da Raça
Gir:

DOMINANTE II

criolo de Mamedi
Mussi, Barretos, 1º
prêmio de sua cate-
goria no certame. Foi
vendido ao sr. João
de Figueiredo Frota,
de Varginha - Minas.





FAZENDA XARQUEADA

EPHREN EIPHANIO PEREIRA

CURVELO - MINAS GERAIS - BRASIL

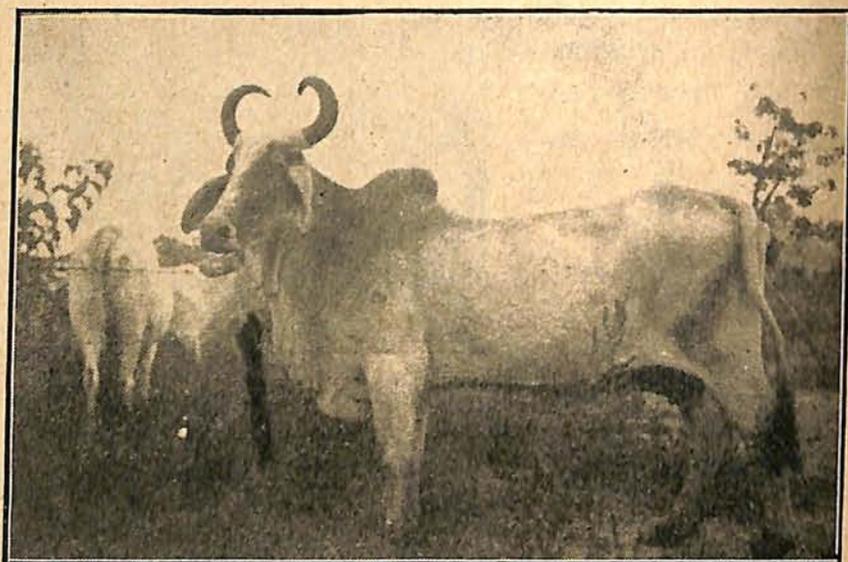
GADO GUZERATH
PURO DE ORIGEM

MARCA  DO GADO

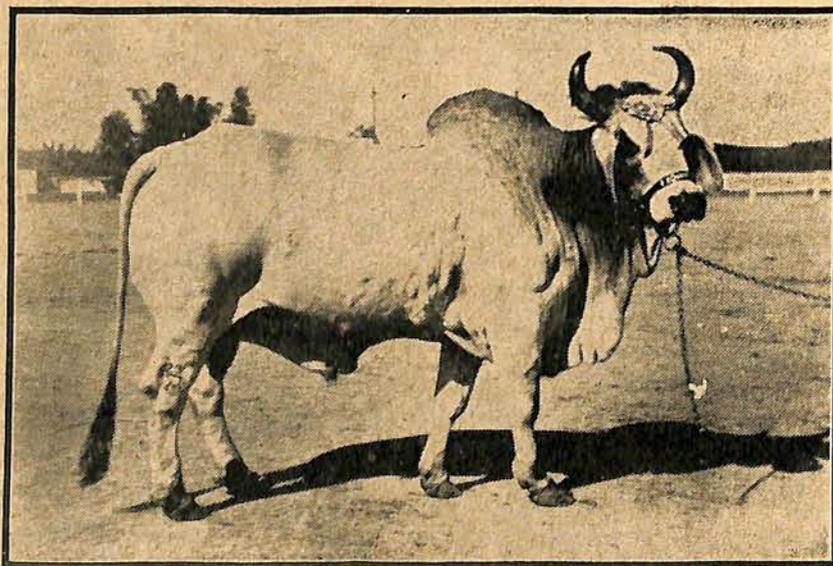
○
A' direita, a reprodu-
tora de excelentes ca-
racteristicos raciais:

HOLANDA

uma das matrizes
que mais contribui-
ram na formação do
afamado rebanho da
Fazenda Xarqueada.



○
A FAZENDA XARQUEADA — distante apenas 10 minutos da cidade de Curvelo,
possui há vários anos, (mais de 50) um grande reduto de gado GUZERAT puro san-
gue, com inúmeros Campeonatos em Exposições Nacionais, Estaduais e Regionais, a-
testado eloquente da pureza de seu caprichoso rebanho.



○
A' esquerda, o magni-
fico reprodutor

TESOURO

Campeão Regional da
Raça Guzerá, em Cur-
vêlo — Minas, reg. n.
23, um dos maiores
raçadores da fazenda.

Possibilidades e Inconveniências na Importação de Zebús da Índia

Relatório do sanitarista — Dr. Jaime Moreira Lins, elaborado com a colaboração do zootecnista — Dr. Jorge C. de Abreu e do criador — sr. Torres Homem Rodrigues da Cunha, representante da Sociedade Rural, após o regresso desses técnicos à Índia, em princípios de 1953.

Temos a honra de submeter à vossa apreciação um relato resumido dos principais aspetos concernentes às condições sanitárias e zootécnicas observadas na Índia, dando cumprimento à missão que nos foi confiada por determinação do Sr. Presidente da República.

Apresentamos, igualmente, as nossas conclusões referentes à conveniência ou não de importação de reprodutores zebuínos da Índia ou Paquistão, encarada sob a triplice análise: zootécnica, sanitária e económica, em face da pecuária do Brasil.

Partimos do Rio de Janeiro, via aérea, com destino a Nova Delhi, capital da Índia, no dia 10 de Abril de 1952, com escalas em Recife, Dacar, Lisboa, Madri e Roma.

No fim dessa primeira etapa da viagem, permanecemos alguns dias em Roma, aguardando a transferência para outro avião, que nos conduziria, num segundo voo, à Índia.

Aproveitando essa estada em Roma, mantivemos contato com a FAO (Food and Agriculture Organisation), com cujo corpo técnico abordamos o problema da importação de animais da Índia, auscultando a opinião daquele organismo internacional sobre o assunto.

Reencetamos viagem no dia 15, escalando em Beirute, Daherein e Karachi, aportando à Nova Delhi na data de 17 de abril.

Em Nova Delhi, incorporou-se o Sr. Torres Homem Rodrigues da Cunha, integrante também da Comissão Técnica, como representante dos criadores, conforme indicação da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro.

Após a nossa apresentação à Embaixada do Brasil, mantivemos entendimentos com as autoridades do governo indiano, as quais fixaram o programa de visitas às entidades oficiais e privadas, consideradas indispensáveis ao desempenho da missão que nos foi atribuída. (Vide cópia do programa, em anexo).

Além das visitas previstas, tivemos o ensejo de conhecer diversos outros estabelecimentos de criação. Acompanhamos também, em algumas dessas visitas, os Srs. Pedro Borges e Antonio Magalhães, do Brasil, que se encontravam na Índia, em caráter particular, como interessados na importação de zebús.

Por iniciativa própria, fomos depois a Madras, para apreciação do rebanho Nelore (Ongole) e visitamos diversas instituições oficiais e privadas.

Estivemos no Serviço Veterinário da província

de Madras, Savage Farm, Escola Veterinária e visitamos criações particulares.

Nessa região deixamos de visitar a fazenda de criação, em fase de reorganização pelo governo daquela província, localizada em Guntur, a conselho do próprio diretor da Indústria Animal, visto que as condições sanitárias e de clima, não trariam conforto para visitantes na região, naquele período. Além do mais, segundo o mesmo informe, o número de animais era reduzido naquele estabelecimento e sua qualidade não seria superior aos que vimos na Savage Farm.

Regressamos depois a Bombay, daí retornando à Europa, via aérea.

Aportamos ao Brasil, em junho.

Nos capítulos a seguir serão abordados os tópicos julgados de importância para se formular as conclusões sobre a importação de gado da Índia, propiciando-se assim, elementos para que o Governo Brasileiro possa adotar uma diretriz acertada na solução do problema, com respeito à importação de animais de países asiáticos.

CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÕES DE ORDEM ZOOTÉCNICA

A Índia possui um rebanho bovino de cerca de 130 milhões de cabeças de gado zebú e 40 milhões de búfalos, representando esses dados aproximadamente um quarto da população bovina mundial.

Essa enorme população bovina indiana, entretanto, é a mais heterogênea possível, no que diz respeito a tipo e produção. Espalhadas pela Índia existem cerca de 25 raças de gado cujas denominações variam de acordo com as regiões onde são criadas. Classificam-se essas raças em 3 tipos: Leite, Trabalho e Mixto (leite e trabalho).

Como o consumo de carne na Índia é de pouca importância, uma vez que o seu povo, por motivos de crença religiosa, não se utiliza desse alimento, não existe nenhum interesse pela exploração do gado para esse fim.

Não há na Índia verdadeiros criadores de gado como o entendemos entre nós e como existem em outros países. Excetuados os estabelecimentos experimentais de criação e algumas organizações particulares, na sua maioria de fundo religioso, que criam gado mais com objetivo de atender, com leite, às classes pobres, hospitais, etc e que não possuem dados de produção dos animais que selecionam, o criador, na Índia, não possui mais do que três a cinco cabeças, de vacas ou búfalos ou vacas-búfalos,

SNR. CRIADOR: vacine seus animais com as
VACINAS MANGUINHOS

- contra a peste da manqueira (carbúnculo sintomático)
- anticarbunculosa (carbúnculo hemático, verdadeiro)
- contra a pneumo-enterite dos bezerras
- contra a pneumo-enterite dos porcos

PEÇA AO SEU REVENDEDOR

PRODUTOS VETERINARIOS MANGUINHOS LTDA. - C. P. 1420 - RIO DE JANEIRO

sem pertencerem a uma raça definida e homogênea em tipo.

Simplemente, pelo fato, como dissemos acima, de cerca de dois terços de seus habitantes filiarem-se a crenças religiosas que proibem o consumo de carne, a criação das raças zebuínas na Índia no sentido da produção de carne não se desenvolveu à exemplo do que aconteceu entre nós com as raças Gir, Nelore e Guzerá.

Não possui a Índia, nem os próprios estabelecimentos oficiais que se dedicam à seleção dessas raças, plantéis numerosos dotados de características raciais bem definidas e apresentando aptidão pronunciada para corte que permitam aos criadores brasileiros se abastecerem de reprodutores capazes de contribuirem de fato para melhorarem efetivamente seus rebanhos.

Os rebanhos oficiais visitados, das raças Gir, Guzerá e Nelore, nas cidades de Bombay, Amedabad e Madras, que o Governo Indiano mantém em seus estabelecimentos, empenhado na seleção dessas raças, não nos despertaram entusiasmo com respeito aos característicos raciais.

Não dispensando muita atenção à seleção dos característicos raciais como o fazem os nossos criadores, os animais componentes desses plantéis dados como espécimens portadores de caracteres peculiares da raça e tidos como bons, si julgados, de acôrdo com as exigências estabelecidas pelo nosso Registro Genealógico, muito pouco ou quasi nada poder-se-ia aproveitar.

As fazendas particulares visitadas, principalmente as que criavam a raça Gir, confirmaram plenamente as impressões que nos deixaram os estabelecimentos oficiais, visto que eram muito pobres de animais portadores de boas qualidades raciais e zo-

otécnicas. Nenhum desses estabelecimentos, por sua vez, à exceção dos oficiais, possuíam dados regulares de produção e escrita zootécnica capaz de oferecer garantia com respeito à genealogia dos animais, elementos indispensáveis para um trabalho de melhoramento gradativo da raça.

Pelo que pudemos observar não houve na Índia nenhum progresso no sentido de melhorar zootecnicamente as raças Gir, Nelore e Guzerá, mesmo no sentido da produção leiteira, a que estão sendo submetidas por seleção nos estabelecimentos experimentais desse país, que pudesse justificar a vinda para o Brasil de uma nova leva de reprodutores, capaz de contribuir para elevar o nível da qualidade de gado zebú que os criadores nacionais possuem. Para corroborar o que afirmamos basta citar que a raça Nelore, após a independência da Índia, foi largada ao abandono e a Estação Experimental de Criação em Chintaladevi, em Madras, que se dedicava ao melhoramento dessa raça desde 1918, foi fechada. Cuida agora novamente o Governo Indiano, de recuperá-la, a fim de reiniciar os trabalhos, estando, para tanto, reunindo animais nas vacarias e vilas em redor de Madras, concentrando, numa propriedade denominada Savage Farm, a 60 milhas dessa cidade, os animais de produção leiteira mais elevada e dotados de bons característicos raciais. Tivemos a oportunidade de apreciar cerca de 150 cabeças já reunidas naquela propriedade, das quais somente vinte, julgadas de acôrdo com as nossas exigências, poderiam ser consideradas como animais passíveis de serem aproveitados num trabalho inicial de melhoramento. Indo mais longe, podemos afirmar que esses animais, si vindos para o Brasil, estariam ainda muito aquém da qualidade média que os rebanhos nacionais presentemente

apresentam. Entretanto, si não pudemos constatar progressos bastante acentuados na Índia com as raças Gir, Nelore e Guzerá, que pudessem beneficiar os nossos rebanhos, já o mesmo não verificamos com determinadas raças para leite, uma vez que os órgãos oficiais da Índia mantêm diferentes estabelecimentos para investigar questões referentes à produção de leite. Por outro lado, contribuindo para um avanço acentuado nesse setor, existe na Índia um grande número de granjas leiteiras militares para fornecimento de leite à tropa e à população das cidades onde se encontram sediadas essas unidades.

Dois raças leiteiras impressionaram-nos bastante, pelas suas produções elevadas, temperamento leiteiro e pela homogeneidade racial. Essas raças são a "Sahiwal" e a Tharparker". Para a seleção dessas raças o Governo da Índia, através do Pusa Instituto mantêm duas dependências, uma em Nova Delhi é outra na província de Punjab. O rebanho da raça Sahiwal foi constituído em 1904 e o da raça Tharparker em 1923, localizados na Kar-nal Experiment Farm.

De tudo o que vimos na Índia, em matéria de trabalho zootécnico, é de fato o que mais nos impressionou; as produções registradas pelos animais dessas raças presentemente são bem elevadas, havendo fêmeas que, em período de 300 dias, acusam produções de cerca de 4.000 k. Ainda que as produções registradas por essas raças sejam efeito de um trabalho intenso de seleção a que vêm sendo submetidas há mais de 40 anos, a verdade manda que se diga que de fato isto representa alguma coisa de interessante e capaz de contribuir para o melhoramento de uma população criada com essa finalidade. Ainda que entre nós estejamos no início de

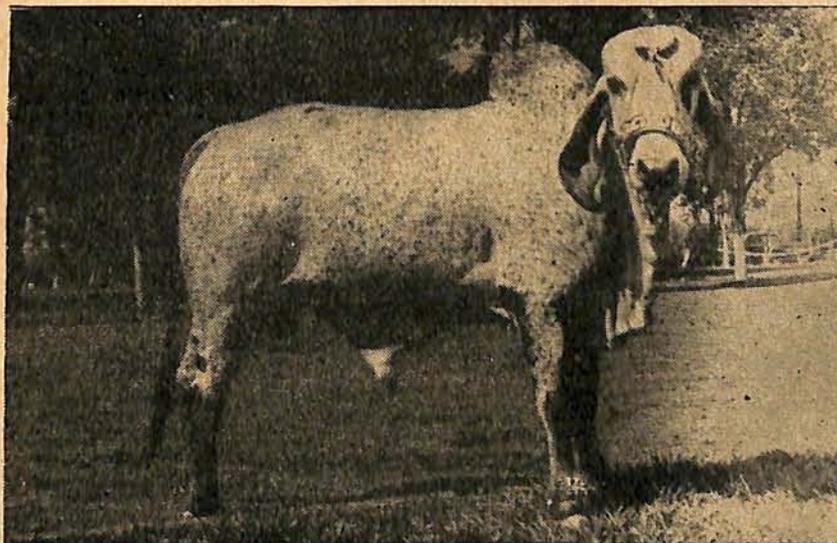
um trabalho dessa natureza, desde que as condições sanitárias permitissem, ou, isto é, pudessemos mediante uma quarentena a ser feita em região que garantisse a integridade do rebanho nacional, somos de parecer que é o único material interessante que poderia o Governo Brasileiro tentar introduzir, procedente da Índia, e isto mesmo destinado a estabelecimentos oficiais para observações prévias, no tocante ao seu comportamento no novo habitat.

Acresce, entretanto, salientar que, para produções dessa ordem, esses rebanhos estão sujeitos a um regime de criação o mais intensivo que se pode imaginar, e que nem mesmo as propriedades mais adiantadas entre nós ainda submetem as suas criações a manejo dessa ordem. Convém que se registre ainda, que animais com essas qualidades, só poderiam ser encontrados nos estabelecimentos oficiais e nas granjas militares do Governo Indiano, já que, no campo particular, a obtenção de animais com as características que dissemos, seria uma incógnita.

Convém, entretanto, salientarmos que, na eventualidade deste Ministério vir a contar com um quarentenário capaz, como dissemos atrás, de garantir aos rebanhos nacionais suscetíveis à peste bovina e outras doenças exóticas e, portanto, se concretizar a importação, da Índia, das raças leiteiras, que julgamos interessantes ao melhoramento econômico dos nossos rebanhos quanto a essa função, poderá, entretanto, isso servir também de justificativa à importação de reprodutores das raças Gir, Nelore e Guzerá. A nosso ver isso concorrerá talvez, para ocasionar no mercado interno de reprodutores zebuínos, uma situação de desequilíbrio. Surgirá, naturalmente, uma preferência para os animais importados e descendentes destes, em detrimento da

F A Z E N D A B O A V I S T A

Criação e comércio de gado GIR, NELORE E INDUBRASIL, situada a 18 quilômetros apenas da cidade de UBERABA — Venda permanente de reprodutores.



Enderço:

Grande Hotel

— Fone, 1620 —

A' esquerda, o lindo garrote da Raça Gir:

BICO DOCE

controlado, filho de Triunfo e Franqui-nha, vendido ao grande criador paulista, dr. Mario Mazagão.

M I G U E L N U N E S G O N Ç A L V E S

U B E R A B A

TRIANGULO MINEIRO

CORTAR GRAMA

TORNA-SE TAREFA FACILIMA COM A MÁQUINA



HUSQVARNA DUX-MAJOR

Procedência sueca, 5 facas — afiador automático — Corte regulável alto e baixo —
Tamanho: 14» e 16»



PEÇA FOLHETOS GRATIS

DIERBERGER-Agro-Comercial Ltda.

Rua Líbero Badaró, 499 — Av. Anhangabaú, 392/394

Telefone: 36-5471 — Cx. Postal, 458 — São Paulo

grande maioria dos criadores, que não tiverem a felicidade, por esse ou aquele fator, de adquirir diretamente naquele país, reprodutores de qualidades elevadas. Note-se ainda que esses pecuaristas vêm se empregando a fundo no melhoramento e seleção das raças Gir, Nelore e Guzerá, dentro dos padrões estabelecidos pelo nosso registro genealógico, obediente às normas técnicas prefixadas pela Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, com a responsabilidade deste Ministério. Estabeleceria essa importação uma concorrência perigosa que, atingindo a economia privada de cada criador, refletiria, sem dúvida, na economia pública.

Com relação ao comércio internacional, temos a impressão de que os reflexos serão mais graves, pois, prejudicará, senão mesmo anulará, o grande trabalho que há anos vem sendo desenvolvido no sentido de conquistarmos mercados em inúmeros países americanos para a exportação de reprodutores das raças de origem indiana. E' evidente que esses países, cientes de que o Brasil está importando gado da Índia, procurarão fazer o mesmo, sob a impressão de que, se estamos importando, é porque não estamos em condições de exportar animais de qualidades zootécnicas recomendáveis. Veremos assim, anulados todos os esforços desenvolvidos até agora, no sentido de tornar o Brasil um grande centro exportador de reprodutores das raças de origem indiana.

CONCLUSÕES:

1) Não há na Índia, verdadeiros criadores, no conceito que se dá em outros países; a exploração do gado não obedece aos princípios zootécnicos clássicos, nem mesmo para rebanho explorado para leite, que constitui a finalidade principal da criação, devido a preconceitos religiosos;

2) A garantia da genealogia dos animais, com exceção dos estabelecimentos oficiais, praticamente não existe, de vez que não há, em geral, seleção orientada, controle e registro de produção, etc;

3) A exploração das raças Gir, Nelore e Guzerá, não objetiva, como no Brasil, a obtenção do tipo de corte; nem mesmo nos estabelecimentos oficiais que se dedicam à seleção dessas raças vamos encontrar plantéis com características raciais bem definidas e que apresentem aptidão pronunciada para corte, de modo a virem constituir fontes fornecedoras de reprodutores para os plantéis zebuínos do Brasil;

4) Dado o elevado nível zootécnico alcançado nos rebanhos nacionais de Nelore, Gir e Guzerá, selecionados há cinquenta anos, para o tipo de corte, nada parece justificar, em princípio, a introdução, no país, de reprodutores indianos que possam geneticamente assegurar de antemão a melhoria do gado zebuino, podendo talvez, até contribuir para promover uma desordenação nos plantéis dessas raças, ocasionando uma regressão dos tipos já obtidos no país;

5) As restrições apontadas para a importação do gado Gir, Nelore ou Guzerá, não se aplicam, todavia, às raças indianas, ditas leiteiras, especialmente a Sahiwal e Tharparkar, submetidas à seleção há muitos anos nas fazendas oficiais, que apresentam homogeneidade racial, produção elevada e temperamento leiteiro;

6) Superados os problemas de ordem sanitária, seriam as raças leiteiras Sahiwal e Tharparkar as únicas que realmente poderiam despertar interesse para importação, sendo os animais destinados a estabelecimentos oficiais, onde seriam observados

no tocante ao seu comportamento no seu novo habitat;

7) Caso o D.N.P.A. julgue indispensável a importação do gado Gir, Nelore e Guzerá, deveria ser autorizado apenas um número restrito de reprodutores de elite, adquiridos do próprio Governo Indiano destinados principalmente aos estabelecimentos oficiais do país;

8) A importação indiscriminada, por particulares, de numerosos exemplares das raças chamadas aqui, de corte, deverá ser impedida, não só pela impossibilidade de se obterem animais de geneologia e valor zootécnico comprovados, como também viria afetar sobretudo a economia da pecuária zebuína nacional, com a decorrença da exploração comercial que fatalmente acarretaria a introdução no país, desses animais.

CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÕES DE ORDEM SANITÁRIA.

Quando se cogita importar bovinos e outros animais biungulados, domésticos ou silvestres, da Ásia e também da África, a apreciação das condições zoonosológicas é fundamental.

Tal preocupação se justifica pelo fato da ocorrência naquelas regiões de doenças transmissíveis, infecciosas ou parasitárias, não existentes em países para onde possam se destinar tais animais.

A restrição que se faz, sob o ponto de vista sanitário, decorre principalmente da incidência, naqueles continentes, da peste bovina.

O perigo dessas importações, quanto à peste bovina, origina-se do fato que animais aparentemente hérgidos, podem ser portadores e eliminadores de vírus por longo tempo e, desta forma, levarem a doença a países indenes da virose.

E' oportuno citar, a respeito, alguns exemplos para comprovar a razão do exposto.

Em 1920, animais silvestres biungulados, procedentes da Índia, foram desembarcados em Antuerpia, onde morreram alguns, sendo os restantes encaminhados para outros pontos do continente.

Dentro em pouco, surgiram, na Bélgica, mais de 40 focos de peste bovina, com o alastramento da doença até à fronteira francesa.

A epizootia pôde ser debelada com o emprêgo de medidas sanitárias draconianas, inclusive sacrifício de numerosos animais enfermos ou suspeitos.

O foco de peste bovina surgido em São Paulo (Brasil), em 1921, originou-se da importação de zebús da Índia e que pertenciam ao mesmo lote de animais que contaminou a Bélgica, conforme foi relatado acima. O foco foi, felizmente, controlado com drásticas medidas sanitárias. Também, acertadamente, houve por bem o Governo Brasileiro expedir o Decreto 4.398 de 17-12-1921, que suspendia a importação de zebús, até que o Brasil possuísse um quarentenário, além de regulamentar essa importação.

Ficaram assim, as Américas, preservadas até à presente data, da peste bovina.

Em 1923, a peste bovina foi introduzida na Austrália por animais procedentes de Singapura.

Em 1949, a virose eclodiu no Jardim Zoológico de Roma depois da introdução de antílopes e outros animais procedentes da África.

Esses fatos vêm provar que animais, mesmo depois de longo tempo e aparentemente sadios, podem ser portadores e vetores do vírus da peste bovina, e como tal, perigosos para o gado de países livres da doença, situados a milhares de quilômetros dos focos enzoóticos da Ásia e África. Z

A necessidade da máxima vigilância zoonosológica internacional, levou o "Office International des Epizooties" a formular, em 1950, na XVIII Sessão do Comité, a seguinte *Resolução*:

"Les Délégues, en confirmant les recommandations déjà données par l'Office International des Epizooties, attirent une fois de plus l'attention des divers pays sur la nécessité de prendre toutes mesures d'interdiction d'importation d'animaux vivants originaires des régions où sevit la peste bovine".

Podemos ainda esclarecer que técnicos na FAO (Food and Agriculture Organization) em Roma, e no Bureau of Animal Industry, em Washington — U.S.A., externaram, pessoalmente, durante a visita àqueles órgãos, a sua opinião contrária, em princípio, à introdução de gado indiano nas Américas, a não ser que fosse submetido à rigorosa quarentena, por longo tempo, em ilha longe do continente.

Desta forma, a importação, por parte do Brasil, de bovinos ou búfalos da Índia e Paquistão, lhe atribui uma imensa responsabilidade, pelo perigo da introdução da peste bovina nos rebanhos americanos.

Ressalte-se ainda, que além da peste bovina, também não ocorrem nos bovinos do Brasil: a peripneumonia contagiosa, a paratuberculose, a teileriose, as esquistosomoses, a tripanosomose ("surra") e a septicemia hemorrágica (forma grave da pasteurelose dos ruminantes da Ásia) mais ou menos disseminadas naqueles países e que poderiam constituir, também, graves ameaças aos nossos rebanhos.

Outras doenças incidentes no gado indiano, tais como: brucelose, tuberculoses, carbúnculo hemático, carbúnculo sintomático, febre aftosa, etc., seriam

AGRIPEC

(Organização de Agricultura & Pecuária)

Vacinas contra AFTOSA e MANQUEIRA. — ANTIMORBINA, FORTICIN, CORIZANTE, CÔLERA E TIFO, BI-BE-TOX, POMASULFA, CURSEON, GLUCONATO DE CÁLCIO.

PENICILINA, DE-HIDRO STREPTOMICINA, Seringas, Agulhas, etc.

SABINO & FONSECA

Assistência Veterinária Gratuita a cargo do Dr. Geraldo Roscoe, funcionário federal especializado.

Rua Major Eustaquio, 23

UBERABA — Trigº Mineiro

ACEITAM-SE ENCOMENDAS POR REEMBOLSO POSTAL E AEREO.

de importância secundária, sob o ponto, de vista sanitário, de vez que já existem no Brasil e demais países das Américas.

Na análise das condições zoonosológicas da Índia e Paquistão, que podem ser verificadas em conjunto, temos igualmente que levar em conta, a grande extensão territorial (somente a Índia possui aproximadamente 3.000.000 Km²), o numeroso rebanho bovino (130.000.000 na Índia e 24.000.000 no Paquistão, exceto os búfalos), as condições climáticas (zonas e períodos de grandes chuvas e grandes secas), o sistema de criação em geral primitivo, o baixo nível socio-econômico do povo, os serviços veterinários insuficientes, etc. que contribuem para a proliferação de doenças animais, agravamento das epizootias, dificuldades de efetiva assistência veterinária e registro nosográfico.

Os dados estatísticos divulgados por aqueles países, com referência ao estado sanitário dos seus rebanhos, são deficientes e estão muito aquém da realidade, conforme confessam as próprias publicações oficiais.

Citemos, todavia, para exemplificar, a incidência das principais doenças transmissíveis dos bovinos e búfalos, na base de alguns dados numéricos obtidos:

Para outras doenças os dados são inexistentes ou incompletos, estes em geral referentes a observações isoladas e correspondentes a determinadas zonas; assim, podemos registrar, na Índia:

a) *brucelose* — bastante frequente, atingindo em alguns rebanhos testados, até 40% do gado de algumas províncias (Uttar, Pradesh, Bombay, etc.);

b) *tuberculose* — incidência variável, sendo que na província de Madras há dados até de 15% de infecção nos rebanhos;

c) *esquistosomoses* — ocorrem quatro espécies de *Schistosoma intestinal* ou do sistema-porta e uma espécie nasal. A frequência da forma nasal pode alcançar até 60% no gado examinado na província de Bombay. São helmintoses não verificadas ainda no Brasil.

Para uniformizar as medidas de defesa sanitária animal na Ásia, especialmente no que se refere à peste bovina, febre aftosa e septicemia hemorrágica, promoveu recentemente o "Office International des Epizooties", 3 a 9 de maio do corrente ano, a Conferência Regional Asiática de Epizootias.

A importação de bovinos previamente vacinados contra a peste bovina, tem sido aventada por diversos técnicos e criadores como uma forma de

1) — PESTE BOVINA

	Anos		Focos	Animais atacados	Mortes
Índia	1951	(Jan. Nov.)	3.941	81.050	41.546
Paquistão	1951	_____	162	2.032	_____

2) — SEPTICEMIA HEMORRÁGICA

	Anos		Focos	Animais atacados	Mortes
Índia	1951	(Jan. Nov.)	5.986	35.331	28.281
Paquistão	1951	_____	1.384	7.896	_____

3) — PERIPNEUMONIA CONTAGIOSA

	Anos		Focos	Animais atacados	Mortes
Índia	1951	(Jan. Nov.)	50	1.227	986

4) — TRYPANOSOMOSE ("Surra")

	Anos		Focos	Animais atacados	Mortes
Índia	1951	(Jan. Nov.)	129	941	579
Paquistão	1951	_____	10	54	_____

5) — FEBRE AFTOSA

	Anos		Focos	Animais atacados	Mortes
Índia	1951	(Jan. Nov.)	7.067	363.305	1.481
Paquistão	1951	_____	572	19.337	_____

6) — CARBÚNCULO HEMÁTICO

	Anos		Focos	Animais atacados	Mortes
Índia	1951	(Jan. Nov.)	1.039	5.380	4.312
Paquistão	1951	_____	276	1.284	_____

7) — CARBÚNCULO SINTOMÁTICO

	Anos		Focos	Animais atacados	Mortes
Índia	1951	(Jan. Nov.)	4.846	19.824	17.937
Paquistão	1951	_____	27	720	_____



Não capine... regue com
MATA-ERVAS
 ACABA COM A TIRIRICA E QUALQUER VEGETAÇÃO
 SEM PREJUDICAR O TERRENO OU AS PLANTAÇÕES
INOFENSIVO - ECONOMICO

MATA-ERVAS - Cx Postal 3827 - S. Paulo

garantia de sanidade, sem assim, oferecer perigo aos rebanhos nacionais.

Todavia, convém esclarecer alguns aspetos da questão de vacinas contra a virose em causa.

Atualmente, três são os principais tipos de vacinas obtidas por modificação do vírus, por numerosas passagens sucessivas em cabra, coelho ou embrião de galinha: a) vírus caprinizado, b) vírus lapinizada e, finalmente, a caprinizada. b) vírus lapinizado e c) vírus avinizado.

A melhor vacina é de vírus avinizado, seguindo-se a lapinizada e, finalmente, a caprinizada.

Na Índia, a de uso generalizado é a do vírus cabra, com resultados praticos satisfatórios, mas convido destacar:

a) é virulenta para certos bovinos, especialmente para as raças européias, nas quais até 7% dos vacinados se infectam; nos próprios zebús pode haver a doença de 2% dos casos;

b) pode causar mortalidade em animais desnutridos ou movimentados após a vacinação;

c) desaconselha-se a aplicação em animais em gestação.

Cabras e carneiros podem se infectar com a vacina.

Recentemente na África houve uma grande mortandade de bovinos, com a aplicação desse tipo de vacina.

Alguns autores procuraram demonstrar que animais vacinados podem eliminar o vírus caprinizado, após a vacinação, provocando infecções em animais desprovidos de imunidade para a peste bovina, como poderia acontecer com os rebanhos nacionais.

Com a vacina avinizada, todavia, esses perigos se reduzem.

CONCLUSÕES:

1) A importação de bovinos da Índia ou Paquistão, representa uma ameaça potencial aos rebanhos do Brasil e demais países das Américas, pela possibilidade de introdução de doenças exóticas, especialmente a peste bovina;

2) A importação, no momento, é contra-indicada por não dispôr ainda o D.N.P.A. de quarentenário devidamente instalado, em ilha distante do continente;

3) Na hipótese do D.N.P.A. julgar conveniente, de futuro, introduzir no país, reprodutores zebuinos daqueles países, deveria a referida importação ficar condicionada ao cumprimento de rigorosas medidas de ordem sanitária, previstas no nosso Regulamento de Defesa Sanitária, completando-as ainda com as seguintes:

a) verificação prévia da situação zoonosológica das regiões de origem do gado;

b) inspeção, clinica e sanitária dos animais, antes de ser autorizado o embarque;

c) transporte do gado diretamente para o quarentenário do D.N.P.A., a ser instalado em ilha distante do continente americano;

d) permanência dos animais no quarentenário, por um periodo nunca inferior a dez (10) meses, durante o qual seriam submetidos a rigorosas provas biológicas, destinadas a controlar e comprovar o perfeito estado de sanidade do gado, de acôrdo com as diretrizes técnicas a serem estipuladas pela D. S. A.;

e) na hipótese, de ficar comprovada, durante o transporte ou quarentena do gado, a presença de portadores ou doentes de peste bovina, deverá ser determinado o imediato sacrificio dos animais im-

portados, além das demais providências sanitárias adequadas, visando-se a salvaguarda dos rebanhos nacionais;

4) o território de Fernando de Noronha, pela sua posição geográfica, distante quasi 400 km do continente e apresentando condições que permitem a instalação dum quarentenário, parece-nos, no momento, o local mais indicado, para tal fim.

RECOMENDAÇÕES DE ORDEM GERAL

1) Na eventualidade de ser autorizada pelo D. N. P. A. a importação de zebuinos da Índia ou Paquistão, deveria ser constituída uma Comissão Técnica, integrada por um sanitarista e um zootecnista do D. N. P. A., incumbida de proceder à inspeção do gado a ser importado, devendo o embarque do mesmo ficar condicionado a prévia autorização da referida Comissão;

2) Caso essa importação não fosse feita exclusivamente pelo D. N. P. A., aos interessados proprietários dos animais a serem introduzidos no país, caberiam as despesas de transporte e de alimentação do gado durante a viagem e o periodo de quarentena;

3) Na hipótese de ser determinado pelo D. N. P. A. o sacrificio dos animais durante a viagem ou quarentena, como medida de ordem sanitária, visando salvaguardar os rebanhos nacionais de doenças exóticas graves, especialmente a peste bovina, o governo federal não indenizará os senhores criadores proprietários dos animais importados.

4) A Portaria Ministerial 163 de 6 de fevereiro de 1952, deverá sofrer uma revisão em face das conclusões do presente relatório.

5) E' recomendável que o Sr. Ministro da Agricultura expeça um Aviso ao seu colega das relações Exteriores, solicitando providências no sentido dos nossos representantes diplomáticos na Índia e Paquistão não concederem o visto consular nos documentos de embarque, sem prévia autorização deste Ministério.

São estes, Sr. Diretor Geral, os informes que julgamos oportuno trazer desde logo ao vosso conhecimento.

O relato detalhado será apresentado em outra ocasião.

Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 1952.

ass). Jorge Cruzeilles de Abreu.

ass). Jayme Moreira Lins de Almeida

CONTRA CURSOS E DIARREIAS

Belomonta curativa Dose 3cc Injetores

CURSEON HERTAPE

Laboratorio Hertape Ltda.
CAIXA POSTAL 692 - BELO HORIZONTE

Fazenda Monte Alegre

EST. HERMOGÊNIO SILVA

Telefone n. 2

E. F. L. — EST. DO RIO



Informa
Praça EU
JARD
n. 34 —
Fone: 47
RIO

T H E O D O R O E D U A R D O D U V I V I

Avenida Graça Aranha, 57 - 5.º andar - Telefones 42-0463 e 47-4261

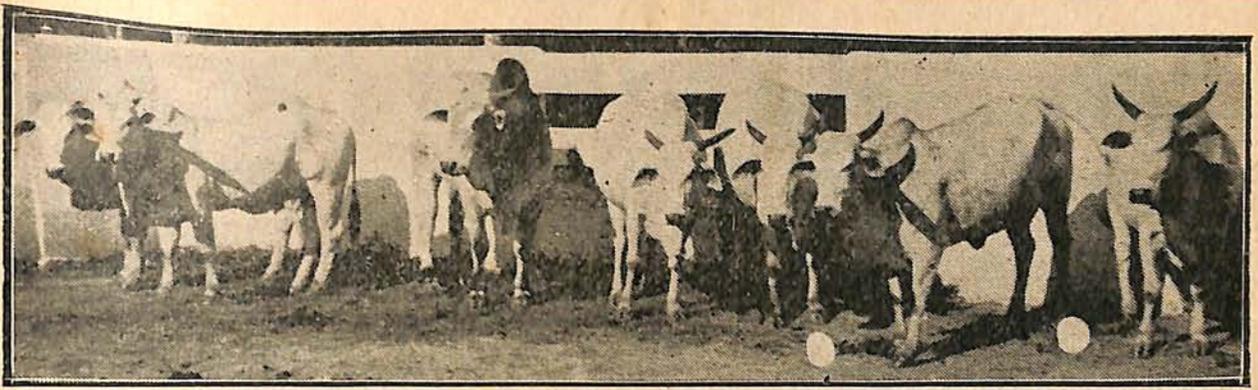
Rio de Janeiro -

Qual o melhor negócio de

Criar Nelore, afirmamos sem medo de errar, e isto pelo seguinte:

- 1º)—O melhor índice de valor do reprodutor zebú é o preço do boi de corte, o único verdadeiro de **UMBIGO REDUZIDO** e vacos de **TÊTAS PEQUENAS** é, atualmente, ser
- 2º)—Dentro do princípio acima é, fora de dúvida, a **RAÇA MAIS PROCURADA**, por
- 3º)—Por incrível que pareça, das 3 raças puras indianas que se criam no Brasil, o **MENOR**
- 4º)—Com tôdos êstes fatores favoráveis, considerando o custo para a constituição de um rebanho, a criação de Nelore é vendida relativamente barato.





"FAKIR DE STA. AMINTA, R. G. 868", é um modelo de perfeição da raça Nelore; "Campeão" na última "Exposição Nacional", aparece entre algumas fêmeas já padreadas por êle.

Rebú na Pecuária Nacional?

O Nelore, por sua espantosa rusticidade e facilidade de engorda e criação, traduzida por toussão, a raça preferida pelos criadores de boi de corte de Mato-Grosso, Pará, Goiás, etc.

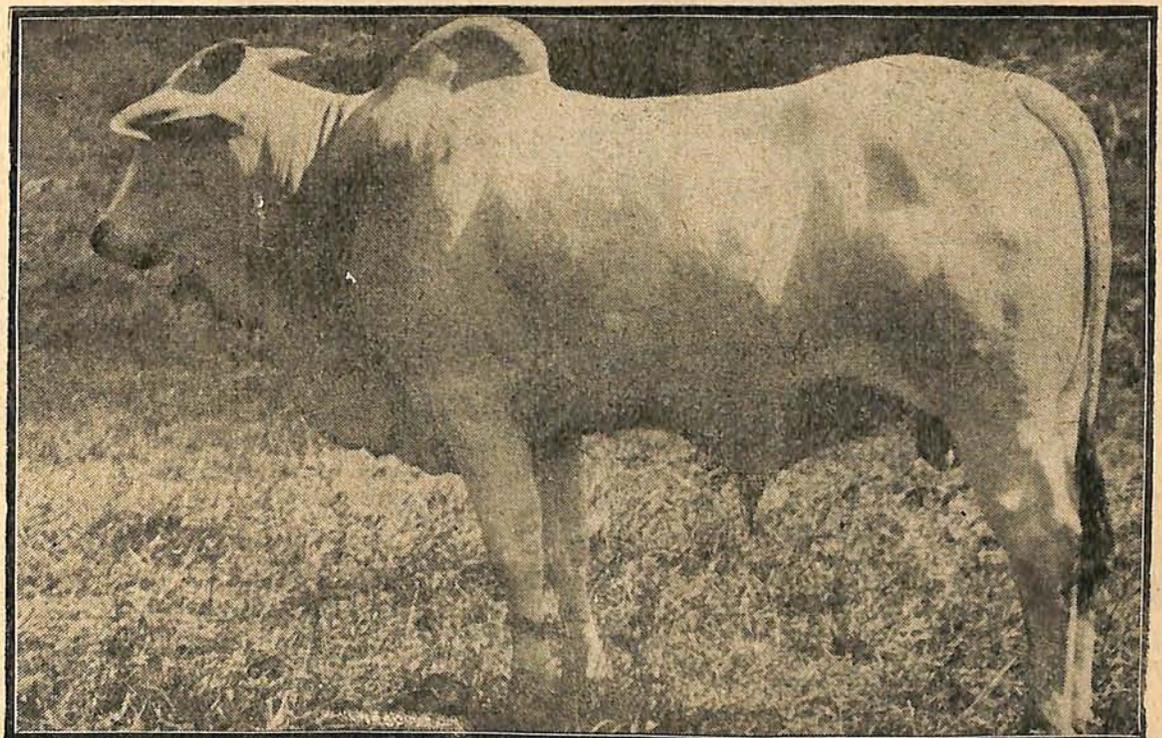
Destinada a fornecer garrotes para os MAIORES REBANHOS DO BRASIL.

Banho de excelentes animais é o Nelore, justamente o que tem MAIOR procura.

Quando verificaremos que nenhum dêles RENDERÁ MAIS JUROS QUE O NELORE, pois, ain-

»
 DE STA.
 G. 850", é
 zador es-
 mitindo a
 descend-
 maravilho-
 o, cupim,
 es e con-
 oi de corte.

DE STA.
 G. 850" e
 DE STA. A-
 G. 849, são
 desta bezerrada
 mpta pela sua
 se remonta aos
 importados da
 que se verifica
 ormidade admi-
 e apresentam.



««

CRIE NELORE COM REPRODUTORES DA MARCA

PQ
(PRODUÇÃO E
QUALIDADE)

Soc. Agro-Pastoril de Pernambuco Ltda.

(Sob a orientação técnica do dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz)

“O melhor plantel Nelore do Norte, com todos os reprodutores campeões e todas as fêmeas registradas.



Acima — CLANDESTINO, reg. 1010, um 1º prêmio sem muda e outro, seguido do Campeonato Nordestino, em Recife, apenas com dois dentes, é um dos reprodutores chefes do plantel e UM NELORE CENTO POR CENTO.

EXPOSIÇÕES PERMANENTES: Faz. «Sta. Tereza» - Pedro do Rio - PETRÓPOLIS, RJ. -
Telefone: Secretário - 4 — — — Avenida Caxangá, 3.942 — RECIFE.

ESCRITÓRIOS: Rua México, 158 - sls. 550/6 - Fone, 52-5729 — RIO DE JANEIRO
Rua do Brum, 27 - Fones, 9576 - 9122 - 9447 - 28740
RECIFE — Pernambuco.

O ZEBÚ E O INDUBRASIL

acimação e rusticidade, erro idêntico ao que supõe todo indivíduo de raça taurina inaclimável nos trópicos.

Assim como a unidade zoológica é o indivíduo, a unidade zootécnica é a individualidade, que torna cada indivíduo distinto dos demais. A **semelhança** — e não a identidade ou igualdade — de certos caracteres morfológicos e biológicos é que permite o agrupamento de indivíduos em raças, como expressões de individualidades coletivas.

Mais importantes do que as raças, do ponto de vista zootécnico, são as famílias, e dentro das famílias as linhagens. «Por muito homogênea que seja uma determinada raça, podemos distinguir um certo número de famílias que se tornam notáveis pelo aumento ou diminuição de determinadas qualidades úteis ou prejudiciais à sua exploração zootécnica» (HERMSDORFF, Zoot. Esp. tomo III, vol. 1, p. 113). «Podem-se diferenciar, ainda, dentro da raça, diversas linhagens representadas pelos indivíduos descendentes de um genitor comum, macho ou fêmea, mas que se tornou célebre pelo valor de suas qualidades e pela capacidade de transmiti-las com uma certa intensidade à sua progênie» (Id. p. 332). A linhagem é como que o prolongamento de uma individualidade. E como os indivíduos diversificam uns dos outros, as linhagens também apresentam caracteres e predicados diferentes.

Porisso, «a introdução de uma raça nova em uma dada região é operação tão delicada e tão cheia de tropeços que não se podem tirar conclusões definitivas de uma determinada raça, do simples fato de se conhecer o comportamento de alguns de seus representantes na região ou em regiões semelhantes, porque, pode muito bem acontecer que êsse modo de comportamento, bom ou mau, tenha sido ditado exclusivamente pelo patrimônio hereditário característico da família ou da linhagem dentro das quais os reprodutores foram escolhidos» (Id. p. 105). Citam-se, entre muitos, os exemplos dos reprodutores Schwytz, em Pinheiros, Estado do Rio, alguns dos quais, oriundos de certas linhagens, conseguiram aclimar-se geêticamente, com desistência recomendável, enquanto outros pereciam durante a crise de aclimação, ou, quando muito, apenas se adaptavam, com perda de fecundidade, ou de produtividade.

De modo idêntico, e apesar de o zebu dar-se bem no ambiente tropical, pode muito bem acontecer que alguns indivi-

1955

Revista «Zebú»

UBERABA

qualidade ou defeito», como se servisse para alguma coisa criação nessas condições.

Assim, se o zebu opte maiores resistências ao calor, ao sol, às chuvas, às oscilações térmicas, aos ecto-parasitas, às moléstias, às longas caminhadas, à sede e às más pastagens, não devemos, só por isso, expô-lo a todos esses flagelos, esperando que, depois de tudo, ainda dê lucro.

A sua criação racional exige que as pastagens sejam bem subdivididas e bem tratadas e tenham algumas árvores para sombra e mesmo pequenos bosques que abriguem contra as chuvas e ventos frios e contra as oscilações muito rápidas de temperatura; exige que se curem os bernes e bicheiras e se limpem os carrapatos, que se tratem as moléstias e não se deixe faltar água e sal; que se cultivem pastos mais ricos e subtanciosos. Do contrário, os resultados serão medíocres e pouco compensadores.

O que não devemos fazer ao zebu é a injúria de tratá-lo como se não tivesse nenhuma rusticidade, fazendo-o dormir em estábulos, fornecendo-lhe rações balanceadas na época de farrura de pastos, dando-lhe banhos com água e sabão para tirar as úteis excreções oleosas dos pêlos, etc. Nada de regime «de pão de ló e cobertores».

O zebu é rústico e, por isso, pode ser criado a campo. Portanto, deve ser criado a campo. Mas, nem por isso devemos abusar de sua rusticidade, procurando para êle tódas as condições desfavoráveis. A rusticidade só tem verdadeiro valor zootécnico quando se restringe às circunstâncias que o criador não possa economicamente modificar.

Embora as fazendas de criar do sertão nem sempre possam manter organização perfeita, nem por isso será inteligente, da parte do criador, deixar tudo ao Deus dará. Na medida das possibilidades e da renda da fazenda, o criador deverá ir melhorando e beneficiando as pastagens e o gado, para aumentar progressivamente os seus lucros.

Quem quizer criar zebu puro, selecionado, bom, gado «fino», terá de fazê-lo em boas pastagens de terras de cultura em clima quente e seco. Só nessas condições conseguirá do zebu o máximo de produtividade.

Outro êrro é supôr que todo indivíduo de raça zebuína possui, no mesmo grau e com a mesma intensidade, qualidades de

volve-se rapidamente, aceita qualquer pasto e vive sempre, se não gordo, pelo menos carnudo» (RUFFIER).

A verdade é apenas esta: nos trópicos, sob clima quente, cria-se o zebu mais facilmente do que o boi europeu, porque ele exige menos cuidados, desenvolve-se mais rapidamente, aceita qualquer pasto para não morrer de fome e mantém-se ainda carnudo quando o boi europeu já emagreceu.

A criação de zebu é uma indústria como outra qualquer e dá trabalho, exige cuidados e bons pastos. Sem isso, o zebu não se desenvolve rapidamente e pode emagrecer.

Se o zebu é extremamente rústico, isso não quer dizer que, para tornar-se produtivo, prescindida das mais mesquinhas práticas zootécnicas. A sua rusticidade é aproveitável somente enquanto facilita e favorece sua produtividade.

Porisso é inconcebível insensatez pretender que o zebu só é recomendável para «regiões naturalmente pobres», «irremediavelmente ingratas», «áridas, íngremes, agrestes, que doutra forma não teriam destino algum» (RUFFIER). É possível que o zebu possa viver em tais regiões; mas não se espere que possa fundar indústria próspera. Não se pense que, em «terrenos áridos, montanhosos, queimados de sol, flagelados pela seca, onde nada se pode fazer senão criar gado eminentemente resistente, irrespectivamente de qualquer outra qualidade ou defeito» (RUFFIER), a criação de zebu dará resultado.

A verdade é apenas esta: pela sua grande rusticidade pode-se criar o zebu em regiões de condições climáticas e forrageiras impróprias à criação do boi europeu.

Mas, criado em más pastagens, sem o menor cuidado, será sempre um animal ruim, tardio, de pouco rendimento, que não dará lucro satisfatório, embora, ainda assim, superior ao «bos taurus» criado nas mesmas condições.

Só boas pastagens de terras férteis, cuidados atentos e observância das regras de boa criação serão capazes de permitir-lhe que revele qualidades de corte apreciáveis, produtivas de compensadora.

Dizer, portanto, que «em terras de clima ameno, de boa fertilidade, de topografia suave... o zebu é uma heresia» (RUFFIER), é que é, em face dos princípios zootécnicos, heresia tão grande como admitir a insensatez de «criar gado eminentemente resistente, irrespectivamente de qualquer outra

CAPITULO I

1. — FORMAS DE ACLIMAÇÃO

A primeira dificuldade com que deparou a pecuária no Brasil, consistiu em não existirem aqui, antes do descobrimento, as espécies domésticas habitualmente exploradas com fim econômico.

Quási todas nos vieram da Europa. E a transição para ambiente tão diverso provocou uma crise de aclimação, cujo desfecho, nem sempre feliz, foi quási sempre inesperado. Essa crise, para algumas espécies e, para muitas raças, perdura até hoje.

Com relação aos bovinos, a adaptação encontrou obstáculos no clima, nas pastagens, nas moléstias, na impraticabilidade de organizar as fazendas convenientemente, na deficiência de transportes e na escassez de zotecnistas conhecedores das res-trições mesológicas brasileiras à pecuária.

Tinhamos, no Brasil, de fundar uma indústria, para que não possuíamos elementos suficientes. E devíamos auferir dessa indústria, para que fosse próspera, a renda máxima.

Para isso, cumpria escolher animais que se adaptassem bem ao gênero de produção desejado e ao ambiente criatório.

Raças com produção conveniente não faltavam. Mas, no ambiente criatório brasileiro sobrevinha a crise de adaptação,

que o criador tinha de superar, ajustando, simultaneamente, o animal ao meio criatório e o meio criatório ao animal.

Os recursos da zootecnia, como ciência aplicada que esta e aperfeiçoa os meios de promover o recíproco ajustamento do meio criatório e do animal, com o fim de obter da produção deste o máximo de rendimento econômico, parecem importantes para obviar os sucessivos fracassos das nossas obstinadas tentativas de adaptação.

Inúmeras raças foram experimentadas no Brasil.

Muitas não resistiram ao novo ambiente e não se acomodaram de forma alguma a ele. Nem sequer gozavam daquela «faculdade reguladora, capaz de evitar os desequilíbrios da máquina animal, na sua luta para vencer as condições do meio, inteiramente novas e talvez demasiadamente impróprias à raça, ou agressivas até» (DOMINGUES).

As que sobreviviam, muitas vezes apenas se adaptavam, individualmente, isto é, acomodavam-se ao novo clima e meio, suportando as modificações somáticas, acidentais, exteriores, que não transmitem aos descendentes; apenas possuíam, exaltadas, aquelas «faculdades reguladoras do organismo», capazes de corrigir as deficiências e perturbações sobrevividas. E, assim, não alcançaram, também, aclimar-se a contento no novo ambiente.

Outras aclimaram-se, porém com sensível diminuição ou perda de suas qualidades produtivas. Foi o que aconteceu com o rebanho nacional e com algumas raças importadas para me-lhorá-lo. Sua aclimação não satisfiz ao criador, porque se processou à custa da precocidade, ou da produção de carne, leite ou manteiga, necessária a uma criação lucrativa. Essas raças, ante a hostilidade do meio, **degeneraram**, não o sentido biológico, mas no zootécnico.

Pouquíssimas raças, e somente em regiões semelhantes às de seu País de origem, aclimaram-se genéticamente, com algumas raças europeias criadas na zona fronteira do Rio Grande do Sul. Solicitadas pelas influências do novo meio, evidenciaram capacidade adaptativa, através de modificações ou variações, que transmitem à sua descendência e a tornam mais apta à sobrevivência produtiva.

alimentos. Na falta de boas pastagens, come de tudo, folhas de magnólia e de bananeira, talos de mamoeiro, laranjas, mangas, pericarpo de côcos, de guariróba, etc.. Já o boi europeu morre de fome por não poder comer certos alimentos.

Interessante experiência revelou que o boi europeu assimilou 60% de substâncias digeríveis de 30 libras de matérias sêcas, enquanto o zebu comeu menos, apenas 20 libras, mas assimilou mais, aproveitando 75% daquelas substâncias.

Esse grande poder assimilador tem a vantagem de permitir ao zebu aumento de peso apenas com a **ração de manutenção** do boi europeu. Mas, tem, também, a desvantagem de tornar o zebu muito mais sensível às plantas tóxicas.

Uma das consequências mais interessantes desse elevado poder assimilador é, do ponto de vista zootécnico, que o zebu engorda muito mais **rapidamente** do que o boi europeu. Outra consequência é o reflexo que essa facilidade assimilativa exerce sobre a seletividade e sobre a precocidade do zebu.

O organismo do taurino, por sua própria constituição, des-tina grande parte dos alimentos assimilados à combustão orgânica, — pois seu aparelho térmico é mais potente, — e a parte menor às reservas orgânicas. O organismo do zebu satisfaz as necessidades de combustão, que são menores, com pouca coisa, e destina o restante às reservas, pois seu aparelho térmico é de poder mais limitado. Daí, também, porque come menos e engorda mais rapidamente, ainda com alimentos inferiores.

As menores necessidades de combustão orgânica explicam também porque o zebu, nos tempos de carência alimentar, ou nas grandes viagens por terra, emagrece mais lentamente do que o boi europeu: é que a combustão de reservas orgânicas, necessária para manter estável a temperatura do corpo e o equilíbrio com a temperatura atmosférica, é muito menor, em razão do menor poder de seu aparelho térmico e da maior eficiência do aparelho termo-regulador.

17. — ERROS COMUNS

A grande rusticidade do zebu generalizou a errônea convicção de que: «cria-se facilmente, sem o menor cuidado, desen-

vada, na impossibilidade de irradiar mais intensamente o calor orgânico.

16. — ASSIMILAÇÃO DE PASTOS INFERIORES

Finalmente, um dos mais importantes fatores da rusticidade do zebu é o seu grande poder de assimilação de pastos inferiores.

Vimos que um dos principais fatores de aclimação aos trópicos é o poder assimilador de pastos **celulósicos**. O maior poder de apreensão, mastigação e deglutição de pastos duros e ásperos e a maior fortaleza dos tecidos do aparelho digestivo, constituem o mecanismo necessário para a transformação desses pastos em matéria digerível. Esse maior poder e fortaleza possibilitam, assim, a assimilação dos alimentos **celulósicos**.

Evidentemente essa qualidade constitui também o principal fator do poder assimilador de pastos inferiores, pobres de elementos nutritivos. Tais pastos, bem mastigados, são submetidos no aparelho digestivo a tratamento mais completo e a subdivisão e compressão mais energicas. Seus elementos nutritivos são, assim, libertados e o organismo pode absorvê-los, isto é, assimilá-los, quase totalmente, o que não aconteceria se sua subdivisão e tratamento fossem mais grosseiros.

O aparelho digestivo do boi europeu tem maior capacidade, isto é, comporta maior quantidade de alimentos. Mas, é mais delicado e incapaz de submeter tais alimentos a uma subdivisão extrema. Assim, boa parte deles são rejeitados nas fezes e com eles muitos elementos nutritivos que não foram libertados e postos em condições de assimilabilidade conveniente. O taurino, pois, come mais e assimila menos, tem maior capacidade digestiva e menor poder assimilador. O zebuino come menos, mas seu organismo aproveita quase tudo, porque assimila mais. Se tem menor capacidade digestiva, compensa a desvantagem com maior poder assimilador.

Parece ser essa a explicação fisiológica do grande poder assimilador de pastos inferiores, isto é, pobres de princípios nutritivos, que o zebu revela, com enorme superioridade, sobre o boi europeu.

Porisso, o zebu é menos exigente quanto à qualidade dos

Perfeita **naturalização**, aclimação sem modificações dos animais e de sua descendência ao ambiente brasileiro, sobretudo ao ambiente tropical e sub-tropical, só foi conseguida pelas raças zebuinas, que colaboraram «com a infusão de seu sangue, através de cruzamentos e mestiçagem, para a solução definitiva da aclimação dos bovinos no Brasil».

2. — PRESSUPOSTOS E TÉCNICA DA ACLIMAÇÃO.

O organismo melhor adaptado ao ambiente é, em régra, o dos indivíduos que o habitam desde tempos imemoriais e que, portanto, mantêm com êle perfeito e harmônico equilíbrio de ações e reações.

Por isso, a aclimação dos animais importados depende de que seu organismo se assemelhe ao dos animais do País. Para se ajustarem às novas condições de vida, os importados precisam exagerar certas funções e reprimir outras, mudar de regime e contrair novos hábitos, manifestando faculdades, até então ocultas, capazes de restabelecer o equilíbrio orgânico perturbado pela mudança de ambiente.

Todos os animais possuem, em grau maior ou menor, essas faculdades ocultas de adaptação, que podem desenvolver, até certo limite, forças para lutar contra as violências do ambiente.

Mas, tais faculdades não são de molde a fazer com que o organismo, por si próprio, se modifique, tornando-se incólume às violências do meio, caso a sua capacidade funcional seja insuficiente ou demasiado limitada para vencer o conflito.

A aclimação de animais importados baseia-se, pois, nos dois **pressupostos** de que se conhecem as condições biológicas e a constituição orgânica dos animais imemorialmente ligados ao ambiente; e de que os importados, ao lado da capacidade produtiva, possuam faculdades orgânicas capazes de permitirem o comportamento fisiológico idêntico ou semelhante ao dos primeiros.

A **técnica**, ou melhor, o princípio básico da técnica da aclimação, resume-se em ordenar, sobre o modelo dos animais do País, a atividade fisiológica dos importados, aproximando-a, em geral gradualmente e através de uma série de gerações, do tipo orgânico dos primeiros, com os quais, todavia, os importados e filhos de importados jamais chegarão a confundir-se.

Ora, conforme ficou dito, a primeira dificuldade, que de-

parou a pecuária, no Brasil, consistiu em não existirem, aqui, antes do descobrimento, as espécies domésticas habitualmente exploradas com fim econômico. Por isso, não era possível conhecer a organização dos animais ligados ao ambiente, pois não os havia. Faltando esse pressuposto da aclimação, faltava o modelo sobre que assentar uma técnica esclarecida de ordenação da atividade fisiológica dos importados.

Devíamos procurar esse modelo em países que oferecessem condições ambientais idênticas às nossas, ou pelo menos semelhantes, para descobrirmos, por analogia e indução, a organização adequada ao ambiente brasileiro. Tais países se situavam na Ásia e na África. Mas, nessas regiões não se exploravam os bovinos para maior e melhor produção de leite ou carne, pois, os que aí havia, eram criados à lei na natureza.

E cometemos nosso primeiro erro, o de supôr insusceptíveis de melhoramento as raças asiáticas e africanas.

Voltamo-nos, desde o início, para a Europa, de onde nos habituáramos a importar, desde as próprias idéias e conceitos zootécnicos, até os impróprios sistemas de criar.

Parecia-nos mais fácil criar animais já aperfeiçoados zootécnicamente, do que selecionar e aperfeiçoar raças zebuínas sem qualidades econômicas aparentes. Os menos otimistas entendiam viável a regeneração de nosso rebanho comum por via de seleção ou de cruzamento e mestiçagem com raças finas, às quais emprestariam sua rusticidade e das quais herdaria fa-culdades de produção. Ninguém imaginou que podia dar-se o contrário: herdar a falta de resistência às hostilidades ambientes e emprestar as negativas qualidades econômicas. Poroue ninguém imaginou que o patrimônio hereditário de aclimação de nosso rebanho comum era paupérrimo.

E' que cometíamos o segundo erro, o do supôr as facilidades de aclimação limitadas e capazes de fazer que o organismo, por si próprio, se modifique, tornando-se incólume às violências do meio. Desprezamos a circunstâncias de que o equilíbrio existente, entre os animais importados da Europa e o ambiente em que viviam, se romperia, necessariamente, com a trasladação desses animais para ambiente e sistema de criar inteiramente opostos, e não sômente diferentes.

E a experiência nos veio mostrar que esses animais não satisfaziam o segundo pressuposto da aclimação, isto é, não

as defesas orgânicas estão diminuídas. Em outras palavras: todos os organismos possuem defesas apropriadas contra as doenças e sucumbem só quando essas defesas diminuem ou quando a invasão patogênica é excepcionalmente forte.

Desde que o zebu não tem que lutar contra a ambiente tropical com as desvantagens dos taurinos, seu estado sanitário será melhor e maiores suas defesas orgânicas contra a invasão das moléstias e, portanto, maior a sua resistência a estas.

15. — RESISTÊNCIA AS LONGAS CAMINHADAS E À SEDE

Dissemos que as fazendas mal organizadas e a falta de transportes exigem animais rústicos e, portanto, ágeis, isto é, capazes de percorrer grandes distâncias.

«A escassez da produção, as enormes distâncias aos centros consumidores, a falta de meios de transportes, obrigam o criador a levar suas boiadas em viagens longuíssimas, a pé, por sertões bravos, por estradas péssimas, por vales e morros íngremes, atravessando rios caudalosos, pântanos extensos, de-baixo de um sol abrasador ou de chuvas torrenciais» (RUFFIER). O zebu «resiste às fadigas das viagens e ao fim de 50 léguas ainda «fresco», e sem ter «quebrado» ou «decaído» sensivelmente» (RUFFIER).

Para esse resultado contribui certamente a resistência do zebu à sede. O boi europeu, nos climas tropicais, perde considerável quantidade de água por via respiratória. O zebu, pelo contrário, elimina o calor por irradiação e transpiração, com perda mínima de água do organismo. Porisso, consome menos água e supporta melhor as sécas prolongadas.

Para o mesmo resultado contribui também o fato de o zebu não ter pernas demasiado curtas. Os animais de pernas curtas evidentemente são menos resistentes às caminhadas.

Mas, o principal fator dessa resistência reside em que o zebu é animal típicamente tropical e, portanto, feito para as contingências e asperazas dos climas quentes. As caminhadas provocam um excesso de produção de calor orgânico e só o zebu está aparelhado para eliminar ou irradiar prontamente esse excesso, enquanto o boi europeu, mesmo sem caminhar, esse mesmo à sombra, arfa pensosamente sob temperatura mais ele-

extremas, mandando sacrificar, incinerar e enterrar rebanhos inteiros em que se manifestou a moléstia. Seu gado taurino corria sérios riscos.

Entretanto, sabemos de fonte segura que a moléstia se manifestou também em alguns rebanhos zebuínos no Triângulo Mineiro. Os fazendeiros se limitaram a isolar os animais doentes e incinerar os que morreram. Poucos foram os animais atingidos e a peste passou e nunca mais se registrou nenhum caso.

A aftosa no rebanho taurino faz estragoc consideráveis. Nos rebanhos zebuínos, entretanto, causa poucas vítimas e, não fossem as suas consequências, sobretudo as frieirasí alguma mamite e vaginite e alguma eventual aborto, poucas preocupações causaria aos criadores.

Raríssimos são os casos de tuberculose nos zebuínos. Aftas, a tuberculose é moléstia de animais estabulados. Na criação a campo, mesmo dos rebanhos taurinos, ela raro progride, salvo nos bovinos importados.

Quanto à brucelose, não sabemos se o zebu é menos susceptível do que o boi europeu. Há rebanhos que registram até 30% de animais brucélicos. Porém, a moléstia raramente aparece com a sistematologia completa. Os zebuínos brucélicos frequentemente aparentam até mais saúde do que os outros. Mantêm-se gordos, de pelo fino, sedoso e bem assentado. Nem sempre as vacas abortam, de modo que, quando o criador chega a desconfiar de alguma anormalidade nos abortos das vacas, já uma grande parte do rebanho dá reação sóro-aglutinante de sangue.

Essa maior resistência dos zebuínos à brucelose não deve ser motivo para o criador se despreocupar dessa moléstia; pelo contrário, deve alertá-lo para que esteja vigilante, pois, de outro modo, quando chegar a desconfiar da existência da moléstia em seu rebanho já grande parte dele estará contaminado e os prejuízos serão consideráveis.

Quanto às demais moléstias, notaremos apenas que o zebu lhes opõe muito maior resistência do que o gado europeu. Isso, em parte, se explica pelo fato da perfeita naturalização do zebu em nosso clima, da qual decorre logicamente um estado sanitário mais perfeito. Sabemos que as moléstias só invadem o organismo quando, além da infecção de germes patogênicos,

possuam as faculdades orgânicas capazes de permitir comportamento fisiológico semelhante ao que teriam os animais imemorialmente ligados ao ambiente, se estes existissem.

3. — HEREDITARIEDADE DA CAPACIDADE DE ACIMAÇÃO

Erramos em supôr que, à força de solicitações do clima, os órgãos necessários se formariam e as faculdades orgânicas se modificariam substancialmente.

Podemos sujeitar o boi europeu, durante milênios, ao clima tropical, que jamais se converterá em animal de clima quente, a menos que lhe incorporemos, ao patrimônio hereditário, os fatores indispensáveis da aclimação.

A função não faz o órgão. Este preexiste, lógica e fisiologicamente à função. Pode degenerar ou atrofiar-se por falta de função, assim como desenvolver-se por ativamento dela; mas nunca formar-se.

E' assim que as faculdades de aclimação dos animais existem ao clima. Existem, potencialmente, independentes do meio. Este permite ou favorece sua manifestação e exerce, apenas, ação seletiva, eliminando e fazendo perecer os animais que não possuam organização apropriada ao ambiente.

Por independentem, quanto à sua existência, do meio ou do clima, são hereditárias. Subordinam-se ao ambiente, para manifestar-se, não para existir.

Se a existência delas dependesse do meio, o problema da aclimação seria fácil de solucionar. Bastaria transportar os animais para um clima semelhante ao de seu País de origem e cercá-los de condições alimentares e ambientais idênticas; e, em seguida, fazê-los passar, gradativamente, para o clima e ambiente onde se quer aclimá-los. As faculdades adaptativas ir-se-iam formando e desenvolvendo durante a transição.

Entretanto, assim não acontece. Cumprido desvendar, por observação, os fatores hereditários adequados ao clima, através da manifestação exterior desses fatores. Cumprido indagar se os animais levam na sua herança biológica os elementos necessários à sobrevivência produtiva.

Do contrário, todos os esforços resultarão improficuos, por mais lenta que seja a transição, salvo se se incorpora ao patrimônio hereditário do animal, por cruzamento, tais, fatores.

Por não se ter levado isso em devida conta, perdeu-se muito tempo na aclimação dos bovinos europeus no Brasil.

4. — OPOSIÇÃO DO AMBIENTE EUROPEU E BRASILEIRO

Na falta de modelo sobre que ordenar esclarecida técnica de aclimação, por não existirem no Brasil bovinos imemorialmente ligados ao ambiente, deveríamos tê-lo procurado em países de condições ambientais idênticas às nossas. Não o fizemos.

Ao importar o gado europeu, não levamos em conta a oposição de clima, originada pelas diversidades de latitude, altitude, natureza do solo, direção dos ventos, visinhança das superfícies líquidas, como rios e mares, de montanhas, de florestas, etc..

Os países quentes e tórridos, ditos tropicais, estendem-se desde o equador até 30° a 35° de latitude norte e sul. O Brasil está todo compreendido nessa zona e a Europa fica toda fóra dela.

A Europa é constituída, ou de planícies de baixa altitude, ou de massiços montanhosos e altas cadeias de montanhas. O Brasil caracteriza-se essencialmente pela existência de um vasto planalto, pouco acidentado, formado, em grande parte, de chapadões.

A direção dos ventos segue «a regra geral que regula todos os fenômenos meteorológicos: uniformidade nas latitudes inferiores, irregularidade nas altas latitudes» (L. CAR-DOSO. Aclimação).

A proximidade dos mares aquecidos pelas correntes marinhas do GulfStream torna a temperatura da Europa muito uniforme, o clima húmido, a atmosfera mais pura, sem calores excessivos. Pois, é sabido que a temperatura, assim como a humidade de uma região, é tanto mais uniforme, quanto mais livremente nela penetra a influência do mar ou das grandes massas d'agua. A medida que caminhamos para o interior das terras, ou que nos elevamos acima do nível do mar, a influência d'êste decresse, a humidade do clima vai, sucessivamente, diminuindo e a temperatura se torna mais instável. E', precisamente, o que acontece no planalto brasileiro. Enquanto, na Europa, o barômetro sofre oscilações periódicas quase nulas, nos países equatoriais, como o Brasil, sóbe e desce duas vezes ao dia.

quanto o gado meio sangue zebu só necessitou de banhos cada cinco meses.

Tivemos ocasião de observar, em uma fazenda goiana de criação de cavallares, infestada de carrapatos, que, enquanto os equinos traziam regular número de carrapatos agarrados ao couro, sobretudo na cabeça, os zebus puros estavam quase completamente limpos, sendo pouquíssimos os ecto-parasitos que os sugavam. Pensamos poder concluir legitimamente que a resistência do zebu aos ecto-parasitos é ainda muito superior à dos cavallares e não somente equiparável, como se tem afirmado.

Não parecerá economicamente sem importância e enorme resistência do zebu ao carrapato, quando refletirmos nas astronômicas despesas que países, como os Estados Unidos, vêm fazendo há muitos anos para erradicar de seu território esse transmissor da tristeza, essa terrível praga, cujos prejuizos causados à criação de gado europeu em certas zonas chegam a impossibilitar o estabelecimento da indústria pecuária em mol-des compensadores. Idêntica campanha de erradicação encontra certas dificuldades entre os criadores de zebu, porque êstes não se deixam convencer facilmente como possa o carrapato ser tão nocivo se o rebanho zebu é pouco vulnerável a êle.

Essa resistência é mais um fundamento para se considerar o zebu como animal particularmente talhado para a criação extensiva.

14. — RESISTÊNCIA A MOLESTIAS

Quando se fala na resistência do zebú às moléstias citamos logo, entre estas, a tristeza, a bovina e a aftosa.

A tristeza é transmitida pelo carrapato e constitui o maior obstáculo, já não direi à aclimação, mas à vida dos taurinos em certas regiões. O zebu não é imune a essa terrível moléstia, mas resiste tão bem a ela que o criador mal nota que o animal está doente. Porisso, para os zebuinos, salvo casos excepcionais, a tristeza nenhum perigo oferece e nem mesmo tratamento exige.

Quanto à bovina, parece que o zebu manifesta certa refratiedade a ela. A primeira e única vez que appareceu essa peste no Brasil, em 1921, o Estado de São Paulo tomou medidas

um pestoso. Tal circunstância contribui para fazer do zebu animal talhado para a criação a campo.

Esses fatores de rusticidade não se confundem com os de aclimação. Quando falamos de aclimação, falamos de **eliminação de calor orgânico**, através da maior **superfície de radiação da pele**, através de **glândulas sudoríparas** e através de **pêlos curtos e finos**. No capítulo da rusticidade nos referimos a **defesa contra o sol**, as **chuvas** e as **oscilações térmicas** através de **glândulas sebáceas**, **pigmentação da pele** e **pêlos claros**. Os fatores de rusticidade acrescentam-se, pois, aos da aclimação pára que esta se transforme em perfeita naturalização. E, se às vezes reptimos o que já ficou dito, fazemo-lo no intuito de frisar características que por muita gente não foram ainda bem compreendidas.

13. — RESISTÊNCIA AOS ECTO-PARASITOS E INSETOS.

O couro fino do zebu devia constituir fácil presa dos insetos e carrapatos.

Acontece porém, que, apesar de fino, esse couro é extremamente espesso, compacto. As armas agressivas dos insetos e dos carrapatos difficilmente o atravessam. O couro do boi europeu, embora às vezes mais grosso, é muito mais vulnerável mais facilmente perfurável pelos ecto-parasitos, por não lhes oferecer a mesma resistência.

Além disso, pretende-se que a maior secreção das glândulas sebáceas e sudoríparas do zebu, aliada ao pêlo curto e aos músculos cuticulares, que seriam mais desenvolvidos e facilitariam a movimentação rápida da pele, originam certa refratariedade do zebu ao carrapato e ao berne, e «repelem», sacodem e enxotam esses e outros insetos.

Por essas ou por quaisquer outras razões, o certo é que o zebu oferece excepcional resistência aos ecto-parasitos. A hipótese da ação repelente das secreções cutâneas parece ter fundamento; pois, no zebu, são relativamente raros os casos de moléstias parasitárias da pele, como sarnas, piolhos e peladas (tinhas ou favus).

Quanto aos carrapatos, é bastante elucidativa a experiência levada a efeito na Austrália, onde foi preciso levar o gado europeu aos banhos carrapaticidas cada três semanas, en-

quanto à pureza da atmosfera, parece estar na razão direta da latitude, o que nos coloca em grande desvantagem com relação à Europa.

Finalmente, nas regiões tropicais as flutuações da eletridade atmosférica se manifestam de modo terrível e desempenham importante papel na produção das tempestades e de frequentes catástrofes.

Em resumo: a Europa possui de modo geral, clima estável, húmido, com estações bem definidas, temperatura uniforme, sem calores excessivos, eletridade atmosférica equilibrada, atmosfera pura, ventos regulares e constantes. A alta latitude, a baixa altitude média, o terreno acidentado e a influência do Gulf-Stream e dos mares fazem-na de clima frio ou temperado.

O Brasil caracteriza-se pela permanência e intensidade do calor, clima instável, com períodos prolongados de seca, seguidos de outros períodos de chuvas torrenciais. A temperatura é irregular e a atmosfera carregada de eletridade, que às vezes se desencadeia desordenadamente. A baixa latitude, a maior altitude média, o terreno sem fortes acidentes, os ventos irregulares e inconstantes e a inexistência de mares e de grandes lagos, tornam o clima quente ou tórrido.

As mudanças de temperatura, na Europa, são lentas e dão tempo aos organismos para uma defeza termo-reguladora eficiente, e, às tenras pastagens, período vegetativo mais prolongado. No Brasil, as mudanças são bruscas; a um dia de calor intenso com chuvas, segue-se, às vezes, noite de geada com vento frio, que tosta, queima e mata muitos organismos; as pastagens são de ciclo vegetativo rapidíssimo e, em consequência, celulósicas a maior parte do ano.

Ha, portanto, absoluta opposição, e não, apenas, méra diversidade de climas entre a Europa e o Brasil. Compreende-se, por isso, que os bovinos europeus não se deem bem no nosso clima.

5. — APARELHO TÉRMICO E TERMO-REGULADOR

No ambiente atmosférico, um corpo inerte, aquecido, vai perdendo calor, até que sua temperatura se iguale à da atmosfera. O mesmo aconteceria com os animais, ditos de sangue

quente, se seu organismo não estivesse sempre produzindo calor para compensar o que perde.

Os bovinos, por exemplo, possuem a faculdade de manter a mesma temperatura, com variações insignificantes em toda a vida (entre 37,5° e 39,5° C.), quaisquer que sejam as diferenças, às vezes consideráveis, de temperatura do meio ambiente.

Essa estabilidade de temperatura, o organismo a consegue por duas operações distintas: produzindo calor, e regulando as perdas dêste. Esses dois sistemas, o térmico e o termo-regulador, devem funcionar harmônicamente, para evitar que o calor orgânico se perca em demasia, provocando a baixa da temperatura do corpo, ou que o calor produzido em excesso fique retido no corpo, causando os estados febris.

Assim, quando a temperatura atmosférica é baixa, o sistema térmico do organismo deve produzir mais calor, porque o corpo tende a perder mais; e o sistema termo-regulador deve impedir a irradiação ou perda do calor produzido, ~~sim~~ ela será muito grande, pela grande diferença de temperatura entre o ambiente e o corpo.

Quando a temperatura ambiente é alta, acontece o contrário. O sistema térmico deve produzir menos calor, porque, sendo menor a diferença entre a temperatura atmosférica e a do corpo, pouco calor precisaria perder êste, para que se igualem as temperaturas e, portanto, pouco precisaria produzir, para compensar a perda sofrida. Por outro lado, o sistema termo-regulador abre as «válvulas de escapamento» ou de irradiação do calor orgânico, para deixar sair o excesso produzido.

Sabe-se que, no homem, mais de 86% da energia virtual da alimentação se destina à produção de calor.

Quanto mais frio o clima, maiores as exigências alimentares, maior a quantidade de calorías necessárias para aquecer o corpo, por serem maiores as combustões orgânicas destinadas a compensar a perda do resfriamento. Por isso o gado deve ser melhor alimentado na época da secca, porque esta coincide com a estação fria. Entretanto, nesta época, escassam os alimentos, e aumentadas as exigências térmicas, o organismo, se não é suprido de calorías, tem de utilizar as reservas orgânicas, e o animal emagrece sensivelmente.

se cobre permanentemente de farta secreção oleosa, que, não só protege a pele contra a ação irritante do sol, que, do contrário, a engorgitaria, como a isola do direto e nocivo contacto das chuvas torrenciais.

Segundo se verificou nos Estados Unidos o zebu possui, por centímetro quadrado de pele, 3.181 glândulas sebáceas, enquanto os taurinos possuem apenas 2.253. Se considerarmos que a superfície cutânea do zebu é maior, «parecendo ter sido talhada para um animal maior» (O. DOMINGUES), não haverá exagero em calcular-se o total das glândulas sebáceas do zebu no dobro das do boi europeu.

Ainda nas épocas de frio essa oleosidade constitui camada isolante protetora. Os índios que vivem nús, as pessoas que frequentam as praias e os habitantes das regiões árticas, na falta de secreção semelhante, costumam resguardar-se da mesma forma, cobrindo o corpo de umacamada de óleo, para isolar e proteger a pele da ação direta da temperatura ambiente e dos raios solares.

A importância dessa secreção para a aclimação dos animais ao regime de campo, é, como se vê, capital.

Nos casos de bruscas oscilações de temperatura atmosférica, essa camada **isolante** permite, ainda, ao aparelho termo-regulador o tempo necessário para reajustar-se às novas condições.

A pigmentação escura do couro e das mucosas protege o animal contra os raios solares ultra-violetas e actínios, que, como se sabe, de outro modo destruiriam o protoplasma das células e provocariam queimaduras capazes de obstruir os poros da pele, diminuindo a capacidade de irradiação do calor orgânico.

A pelagem clara do zebu facilita por sua vez a refração dos raios solares, impedindo, de certo modo, que esses raios e o calor nêles contido incidam diretamente sobre a pele.

Esse conjunto de secreção, pigmentação e pelagem como que isola o animal da luminosidade e do calor do sol, das bruscas oscilações de temperatura e do contacto direto das chuvas. Isto permite ao zebu pouco se incomodar com tais fenômenos atmosféricos, e permanecer ruminando sossegadamente deitado ao sol, mesmo nas horas mais quentes, enquanto o boi europeu arqueja aflivamente à sombra, babando e suando como

1ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial em Alfenas

Sob os auspícios da Sociedade Rural de Alfenas, a próspera cidade sul-mineira reuniu, em concorrida exposição, os melhores animais de seus plantéis e de outros importantes centros agro-pecuários daquela região.

A exposição, que foi a primeira do gênero ali realizada, consagrou definitivamente o progresso verificado na criação de gado zebú no Sul de Minas, e demonstrou o grau de maturidade a que já atingiram os processos de criação e seleção empregados por seus criadores. A sua realização, com o êxito de que se revestiu, veio mostrar de outro lado a maneira proveitosa com que os alfenenses



Acima: o Secretário da Agricultura de Minas, e Presidente da Associação Rural de Alfenas, assistem da arquibancada, ao desfile dos excelentes espécimes premiados.



Em baixo: o dr. Aluisio Costa, Secretário da Agricultura em companhia do sr. Jorge de Souza e de numerosas pessoas gradas, visita os pavilhões do recinto.

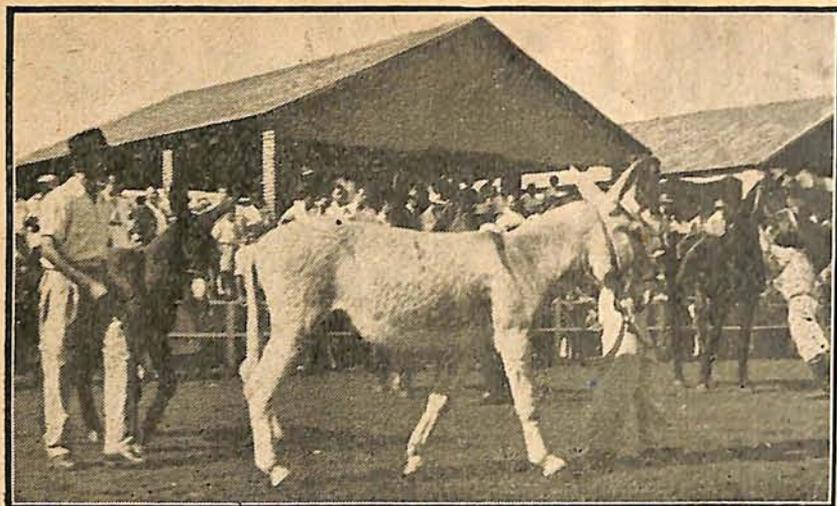


têm aproveitado as condições para criação de gado existentes na região, especialmente o gado Gir.

Daí o entusiasmo dos criadores de Alfenas, que, embora contando mais com os seus próprios recursos e da Prefeitura Municipal, construíram o recinto da Exposição dotado de todos os requisitos modernos de técnica e higiene.

CIDADES PARTICIPANTES

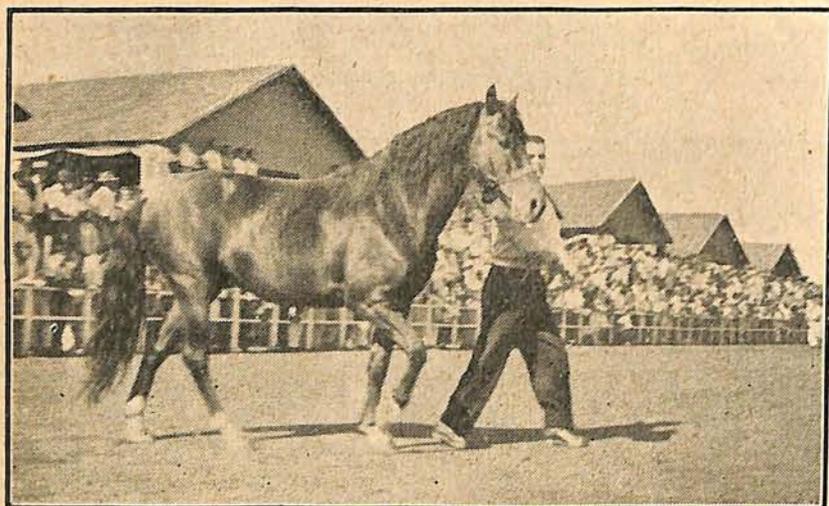
Cerca de 280 animais selecionados foram apresentados ao certame que durou vários dias, sempre muito concorrido. Os pecuaristas das cidades de Serrania, Machado, Cabo Verde, Muzambinho, Monte Belo, Passos, Itamogi, Nepomuceno, Itanhandú, Varginha, São



Gonçalo do Sapucaí, Três Pontas e Carmo de Cachoeira, também enviaram numerosos exemplares

PRESENTE O SECRETARIO DA AGRICULTURA

Esteve presente à Exposição de



de seus rebanhos, que foram alojados em dependências especialmente construídas para isso.

Alfenas o exmo. sr. dr. Aloisio Costa, Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais, que



manifestou sua lisongeira impressão a respeito da vitoriosa realização. Além de s. s., estiveram também presentes o dr. Gustavo do Vale, Chefe do Departamento da Produção Animal, que chefiou o corpo de técnicos enviados por aquele Departamento. Compareceram também inúmeros funcionários da Secretaria da Agricultura e práticos rurais de diversas cidades do Estado de Minas Gerais.

A imprensa se fez presente através de representantes de vários jornais e revistas, como o sr. Samuel Lisboa, da revista "Lavoura e Criação", de São Paulo; Prof. Nunes Bittencourt, da Rádio Cultura de Alfenas e outros.

SECÇÃO INDUSTRIAL

Organizada quando já faltavam poucos dias para a abertura do certame, a secção industrial atraiu contudo grande número de visitantes, que tiveram ante os olhos

A esquerda, vários flagrantes do desfile de animais premiados, das diversas espécies.

uma amostra ligeira mas animadora do progresso industrial de Alfenas.

A INAUGURAÇÃO

Na tarde do dia 23, com a presença de numeroso público, o Prefeito de Alfenas cortou a fita simbólica, e saudou os visitantes. U-sou também da palavra o representante da Associação Rural de Alfenas, cujo discurso foi o seguinte:

Exmo. Snr. Dr. Aloisio Costa, D.D. Secretário da Agricultura;

Dr. Gustavo Vale, Chefe do Departamento da Produção Animal;

Distintos membros de sua comitativa;

Meus senhores, minhas senhoras.

A generosidade de meus companheiros de Diretoria da Associação Rural de Alfenas, houve por bem, conferir-me a honrosa

Incumbência de interprete do sentimento coletivo para significar, com legitima sinceridade, a satisfação civica que nos empolga, ao dirigir a V. Excia. a protocolar saudação de boas vindas.

A presença de V. Excia. a este certame do trabalho construtivo corresponde para nós, a uma afirmação objetiva da perfeita compreensão dos Poderes Governamentais de que a grandeza da Patria conjugada com a felicidade do povo, depende sobretudo do desenvolvimento, em elevado indice, da produção Agro-Pecuária, de acordo com as conclusões dos grandes mestres em Economia Política e o resultado das experiencias em toda parte.

Sem as sólidas colunas das atividades rurais não se sustentam a grande móla do equilibrio econômico de um País, em que pése a exuberancia dos demais fatores cooperantes.

Agora, porém, mercê da atua-

A direita: aspecto parcial dos pavilhões e do desfile de animais, no ato inaugural.

ção dos poderes públicos, afigura-se-nos que a laboriosa e heroica classe ruralista vai se beneficiar com um tratamento a que faz júz, mercê de seus valores naturais.

Snr. Secretário, forçoso é confessar que nos sentimos sob os impactos de um mixto emocional: empolga-nos um duplo sentimento; de alegria civica e desapontamento: — alegria pela presença de V. Excia. e a dos insignes membros de sua Comitiva; de desapontamento pelo inacabado de nossas instalações especificas, em razão da falta absoluta de recursos financeiros.

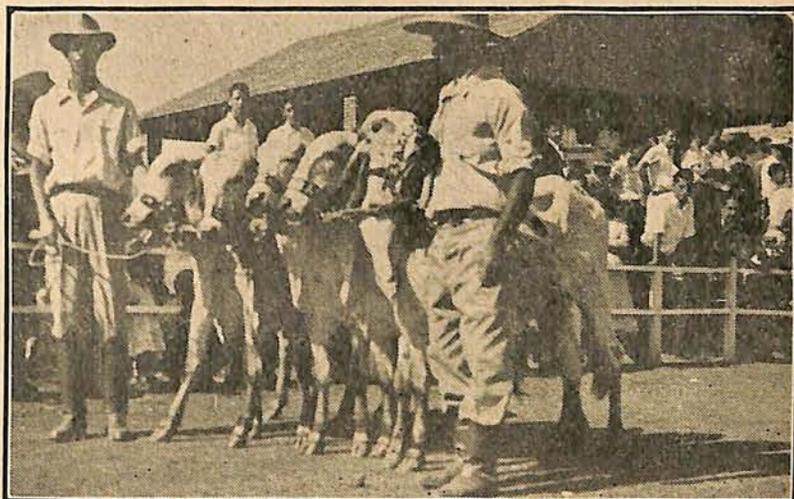
O que está feito deve-se somente ao esforço, ao dinamismo de nosso Presidente Snr. Jorge de Souza e do espirito de abnegação e cooperação dos componentes de nossa organização clasista, que não mediram sacrifi-



cios no sentido de dar a nossa terra um parque onde se pudessem expôr os produtos de nossas atividades Agro-Pecuárias.

ral e material sempre nos foi dispensado com toda solicidade e cavalheirismo.

Entretanto, Snr. Secretário,



E'-nos grato, entretanto, consignar aqui o nosso grande reconhecimento ao Exmo. Snr. Prefeito Municipal, cujo concurso mo-

uma nova esperança, bem fundada, vem revigorar o nosso poder construtivo para atingirmos a méta de nossas aspirações, eis



que estamos certos de que tere-
mos ao nosso lado um batalhador
operante e devotado na pessoa de
V. Excia..

De resto Senhor Secretário, re-
correndo às nossas desculpas pe-
la franqueza de nossas sinceras
manifestações, queremos também
significar a V. Excia., com a mes-
ma sinceridade, que sua presença
nos enche de grande entusiasmo
cívico, desejando a V. Excia. o
ilustre comitiva, feliz estada em
nossa terra, da mesma levando
gratas recordações.

Congratulando-se com os pro-
motores do certame, falaram o

triais tornaram realidade a expo-
sição projetada, que nos mostra
não só a força econômica da re-
gião, mas ainda a fibra, a per-
severança, o entusiasmo e o valor
de um povo idealista.

O Governo do Estado, que está
empenhado no aumento da pro-
dução, acompanha com interesse o
vosso trabalho e vos assegura
que, na medida de suas possibili-
dades, empresta a sua colabora-
ção ao homem do campo e ao ho-
mem da indústria, obreiros infa-
tigáveis, que, com seu trabalho
honesto e persistente, vêmaju-

banhos, assegurando a sua defe-
sa sanitária, para evitar os sur-
tos que os dizimam, acarretando
incalculáveis prejuízos de ordem
econômica.

A expansão dos rebanhos, o a-
puramento das raças para a des-
tinação aconselhável é objetivo de
que não nos devemos afastar,
pois é fonte inexgotável de rique-
za.

Na pecuária, como na agricul-
tura, temos um dos mais sólidos
esteios de nossa economia. Na
nossa indústria que dia a dia se
desenvolve e agora toma vulto re-
caem as nossas esperanças do fu-
turo.

Tudo o que esta Exposição nos
exibe vem demonstrar o valor e a
capacidade extraordinária de tra-
balho dos homens desta rica re-
gião. Causou-nos a mais viva im-
pressão o surpreendente exemplo
de trabalho, de grande visão, que
tivemos ao visitar vossa indústria
de tecidos, notável realização de
homens esclarecidos.

Estão, pois, de parabens os pro-
motores deste certame, pelo êxi-
to que alcança.

Em nome do eminente Governador
Juscelino Kubitschek de Oli-
veira que me honrou com a desva-
necedora incumbência de o repre-
sentar na abertura desta Ia. Ex-
posição, eu vos felicito e vos con-
clamo a continuar, pelos anos em
fôra, a caminhada que acabais de
iniciar, trabalhando para o pro-
gresso e grandeza do País.

Agradeço-vos sensibilizado as
generosas palavras com que o
vosso dinâmico Prefeito e o ilus-
tre representante da Associação
Rural se referiram à minha pes-
soa.

Agradeço-vos a acolhida que me
dispensastes, resultante, sem dú-
vida, da bondade de um povo hos-
pitaleiro e generoso, que, aliás,
me deu a impressão de estar sendo
recebido em minha própria terra.

Formulo os mais ardentes votos
pela felicidade pessoal de cada um
de vós e desejo que Alfenas siga
sempre o roteiro ascensional do
progresso.

FESTEJOS

Nos dias que se seguiram, até
(Concluí á pagina 48)



Acima: á esquerda, discursa o representante da Sociedade Rural de
Alfenas; á direita, fala o Secretário da Agricultura de Minas Gerais.

sr. Secretário da Agricultura, Dr.
Aloísio Costa, e o sr. Caio Mauro
Franco de Carvalho, técnico do
D. P. A.

O discurso do Secretário minei-
ro aqui se segue na íntegra:

Meus senhores:

Ao ensejo desta visita que ora
faço á vossa formosa cidade, cen-
tro irradiador de cultura, muito
grato é para mim constatar o alto
grau de progresso que vindes al-
cançando no domínio agro-pecuá-
rio e industrial.

Este certame é o atestado mar-
cante de vosso trabalho persisten-
te, no afan de melhorar e progredir.
Vencendo dificuldades várias,
os criadores, agricultores e indus-

dando a construir a grandeza do
País.

Na hora que passa, em que
um clamor se levanta de norte
a sul contra o alto custo da vi-
da, precisamos produzir mais e
mais.

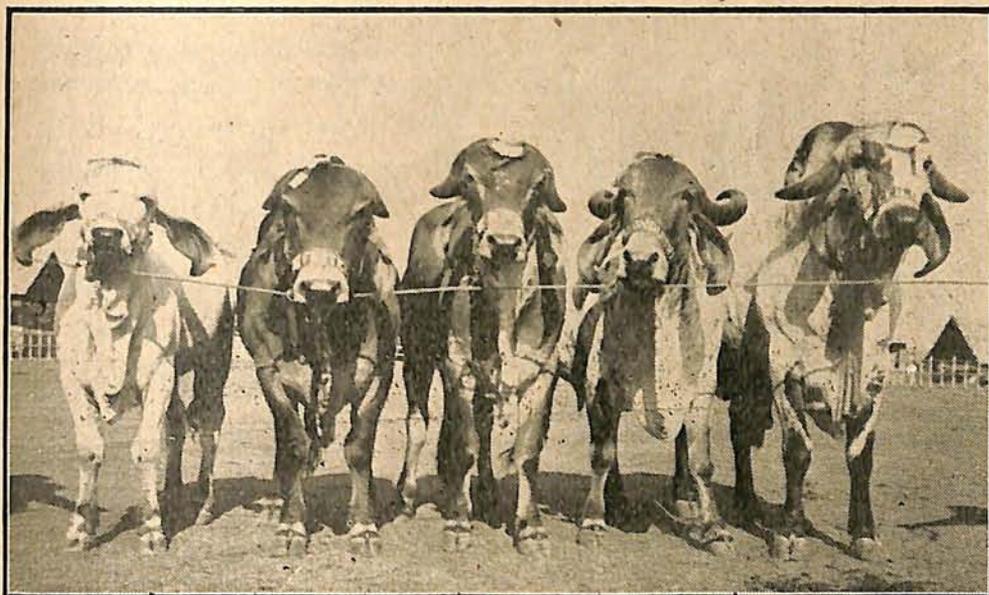
Precisamos incentivar o traba-
lho pela recuperação da produtivi-
dade da terra, corrigindo o seu
desgaste, com emprego de fertili-
zante que lhe restaure a força e
capacidade produtiva.

Precisamos, nas zonas apro-
priadas, introduzir e incentivar o
uso da máquina, para tornar
mais rápido, mais compensador e
menos penoso o esforço do lavra-
dor na sua faina diária.

Precisamos preservar os re-

FAZENDA AMOREIRA

— CRIAÇÃO SELECIONADA DE GADO INDIANO DA RAÇA GIR —



A' esquerda, grupo de rêses premiadas no recente certame de Alfenas: MELANQUITA, campeã; KALLUA, 1º prêmio; CEILÃO, 2º prêmio; FEITIÇO, 3º prêmio e BAIANO, Menção Honrosa, todos do plantel da fazenda.

JUQUINHA ANDRADE

Município de PASSOS — Sul de Minas

FAZENDA FLORESTA

— CRIAÇÃO DE GADO DA RAÇA GIR, DE PROPRIEDADE DE —

JOÃO PAULINO DA COSTA

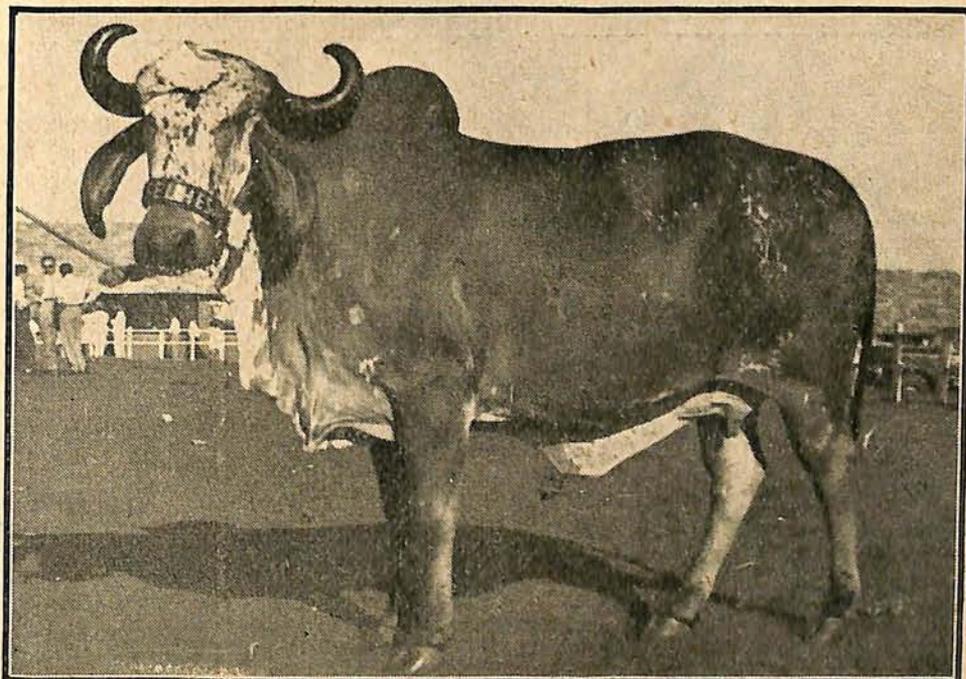
A' direita, a excelente reprodutora da Raça Gir

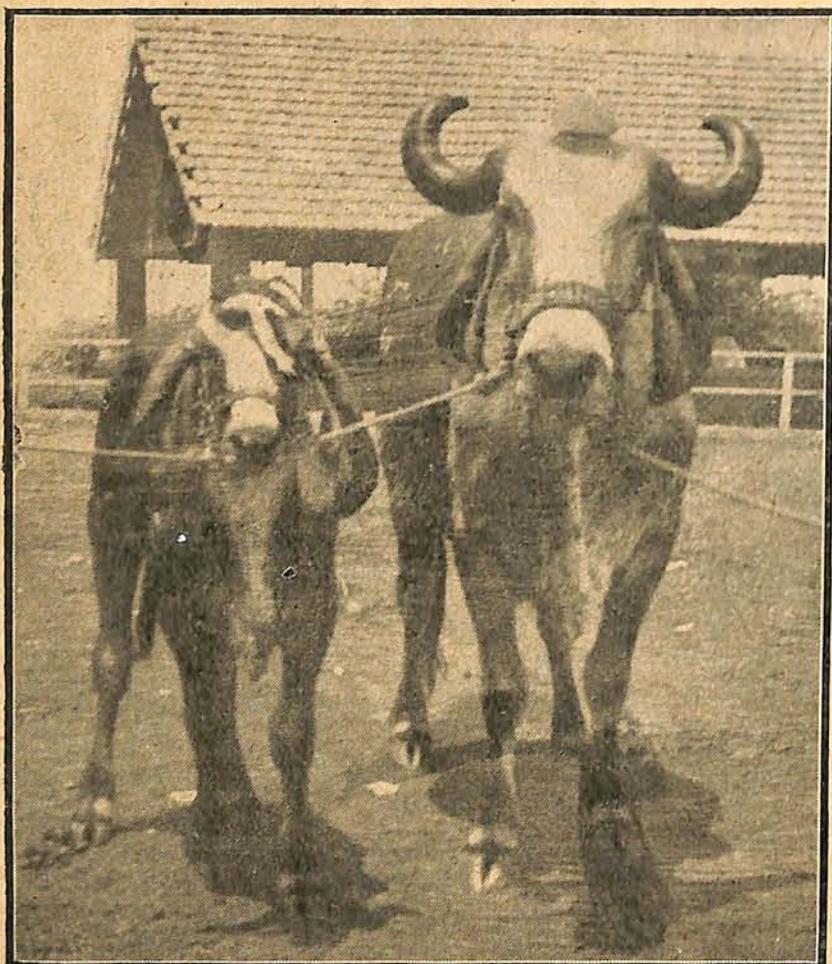
MARSELHEZA

Reservada Campeã de sua raça na Iª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Alfenas - 1954.

ALFENAS

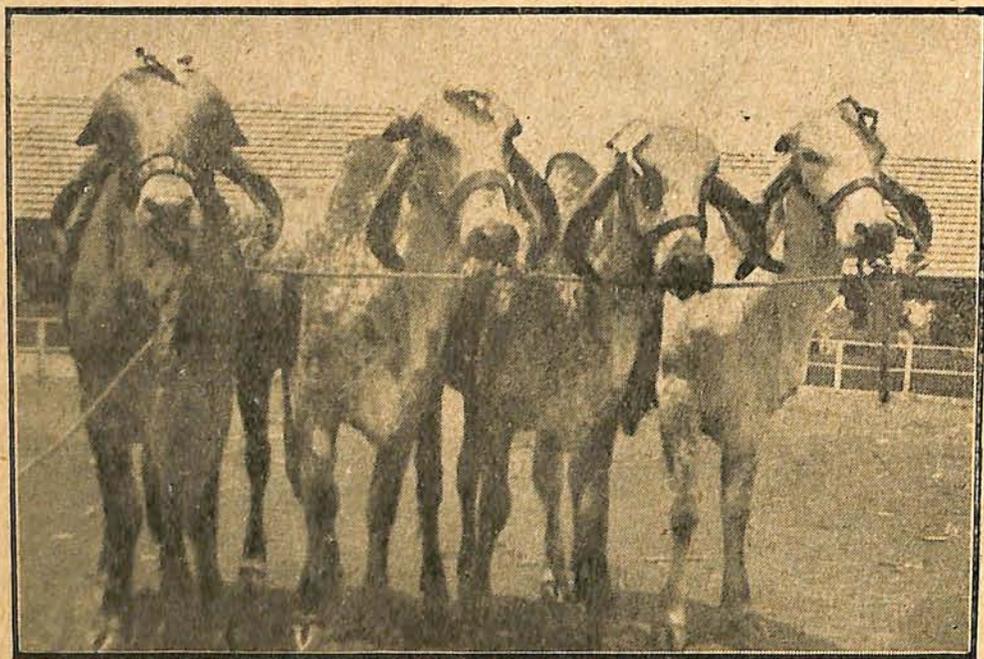
Sul de Minas





NESTAS páginas apresentamos os espécimes premiados da representação da Fazenda Primavera, na Iª Exposição Agro-Pecuária e Industrial, em Alfenas; á direita, o Campeão da Raça Gir GOIANO; á esquerda, FANFARRA (filha de ITU e GOIANDIRA registrados) e seu bezerro CRAVINHO, 1º e 2º prêmios, respectivamente. Em baixo: o melhor grupo de família, composto por CASINO, VIOLETA, VENEZA e VIÇOSA, filhos do raçador GOIANO e todos premiados individualmente.

A REPRESENTAÇÃO DA FAZENDA PRIMAVERA NA Iª EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE ALFENAS



A' esquerda, pode-se apreciar o lote de criolos do plantel da Fazenda Primavera que levantou o 1º prêmio entre os conjuntos da Raça Gir, naquele certame sulmineiro.

FAZENDA PRIMAVERA

SELEÇÃO CAPRICHOSA DE GADO DA RAÇA GIR, SITUADA A' MARGEM DO RIO MUZAMBO, A 22 QUILOMETROS DA CIDADE, PROPRIEDADE DE

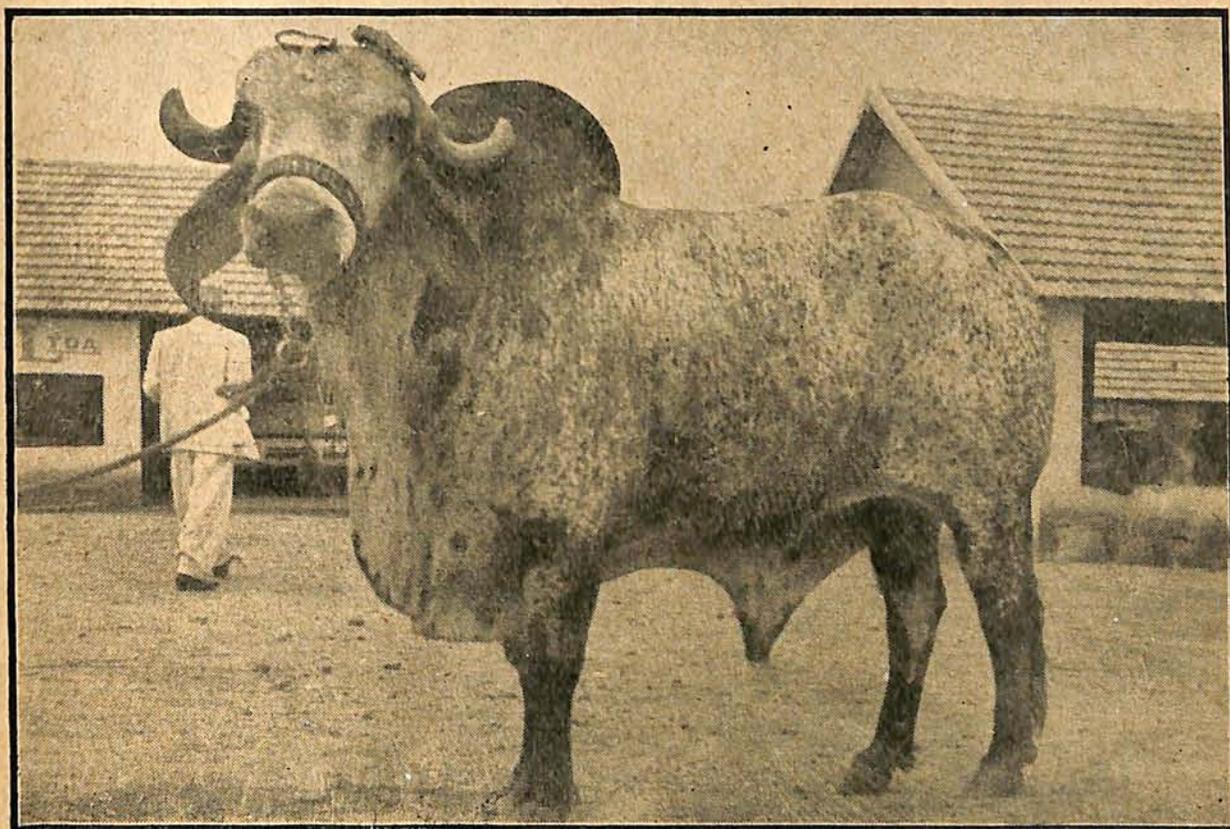
AUGUSTO TAVEIRA DE SOUZA

— VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES —

ALFENAS

Sul de Minas

R. M. V.



Acima, o magnifico reprodutor da Raça Gir, reg^o n. 2.737, aos 6 anos, filho de CHAVANTE e FRANCA, ambos registrados, campeão da Raça Gir na I^a Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Alfenas, e cuja produção é bem atestada pelo quarteto de novilhos ao lado, 1^o, 2^o, 3^o prêmios e Menção Honrosa e Melhor Conjunto de Família no certame.

Enderêço do criador: _____

Rua Olegário Maciel, 70

Telefones

CIDADE — 70

FAZENDA — 326

ALFENAS

— SUL DE MINAS —

FAZENDA

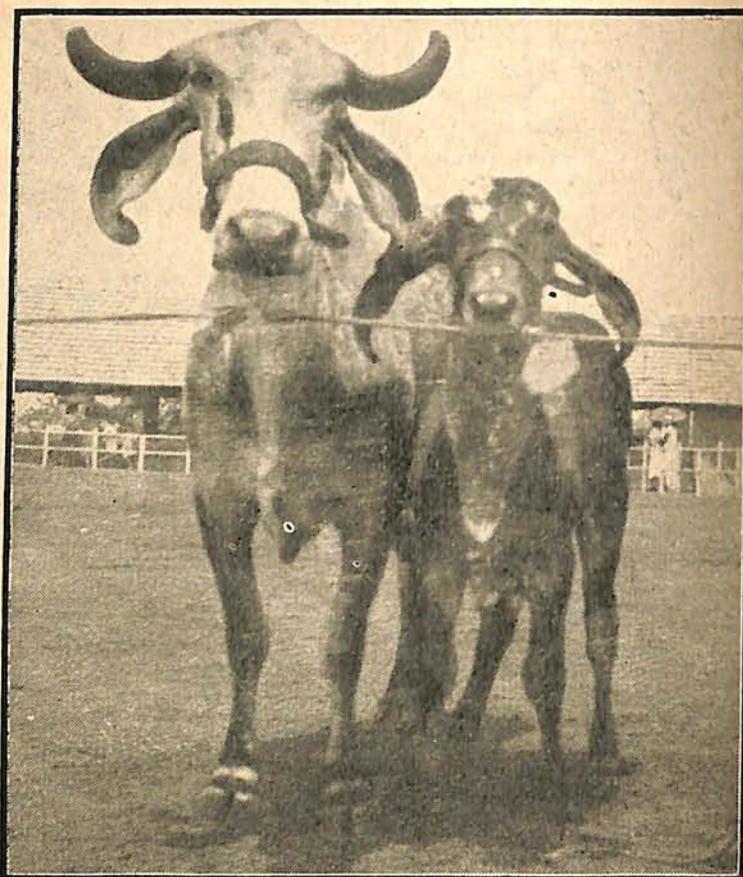
Santa Rosa

Seleção caprichosa de gado indiano da Raça Gir, chefiada por um raçador magnífico e Campeão Nacional, propriedade de

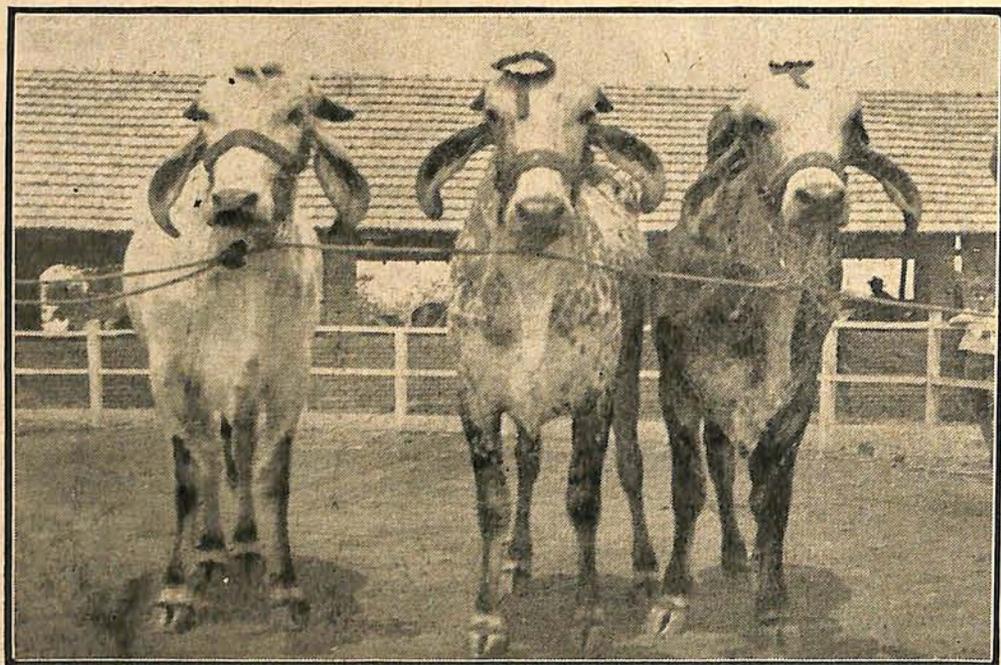
JUVENIL BARBOSA DA COSTA

Praça Dr. Frontin, 183 - Fone, 36

SERRANIA — Sul de Minas



NESTA PAGINA apresentamos alguns dos excelentes espécimes do plantel da Raça Gir que o caprichoso criador, sr. JUVENIL BARBOSA DA COSTA, estabeleceu em sua FAZENDA "SANTA ROSA", no Município sul-mineiro de SERRANIA, todos eles premiados em a Iª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Alfenas, cidade em que o proprietário tem o seu endereço, á R. Dr. Frontin, 183.



Acima, a reprodutora **CORÔA**, registrada sob o n. 828, com 6 anos, ao lado do seu bezerro **PANDEIRO**, aos 5 meses de idade.

A' esquerda, os espécimes Gir premiados naquele certame,

CARDAPIO — MELINDROSA e GRINALDA, filhos do Campeão Nacional **XUXÚ**.

FAZENDA SANTA MARIA

Criação selecionada de gado indiano da Raça Gir, e grande lavoura de café, propriedade do criador, sr.

Florêncio Alves Dias

Venda permanente de tourinhos, situada a 18 quilômetros da cidade.

Município de ALFENAS — Sul de Minas

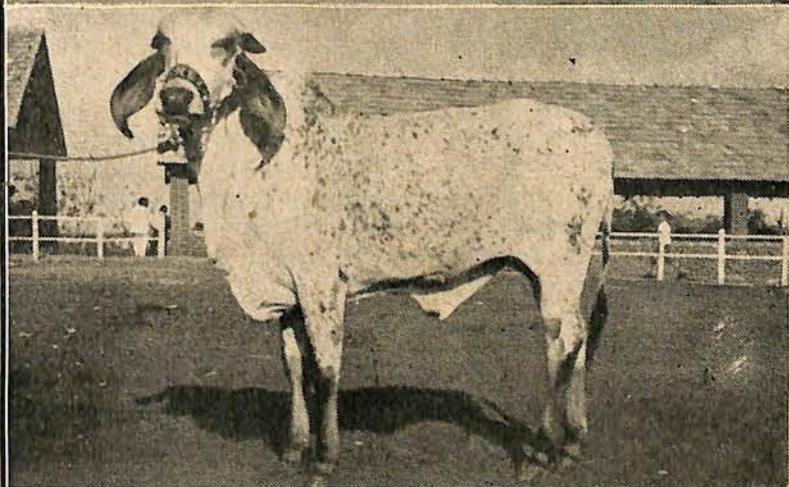
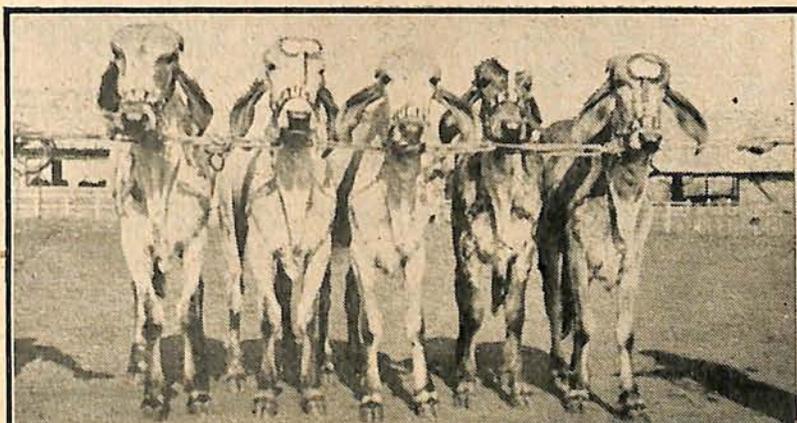
A' direita, o excelente grupo de novilhas da Raça Gir: GARÔA — FAISCA — BONITA — GAROTA e FAXINA, todos premiados na 1ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial, em Alfenas.

A' direita, ao centro, a magnífica novilha da Raça Gir

NOBREZA

também premiada no recente certame de Alfenas - Minas.

A' direita, em baixo, outro ótimo grupo de novilhas chitas de vermelho: SABARÁ — GAUCHA — JURÉIA — SEDA e CARIÓCA, crias do plantel.



End. do criador:

Rua Juscelino Barbosa,
n. 669 — Cx. Postal, 89
ALFENAS — MINAS

LEIAM, ANUNCIEM, DIVULGUEM,
O MENSÁRIO DOS PRODUTORES RURAIS:

«MUNDO AGRÍCOLA»

Revista mensal, editada em São Paulo desde Janeiro de 1952, com mais de 120 páginas, redigidas por uma equipe de técnicos, todos agrônomos e veterinários, sob a direção de MARCELO BARBIELLINI AMADEI.

Em todos os números, além de selecionada matéria original, focalizando problemas de grande interesse e atualidade e apontando soluções práticas, numa linguagem acessível, insere as seções especiais:

- * MUNDO ESCOLAR RURAL
- * NO QUINTAL E NO JARDIM
- * MUNDO AGRÔNOMICO E VETERINÁRIO
- * MUNDO AGRÍCOLA FEMININO
- * CORREIO DO MUNDO AGRÍCOLA
- * MUNDO AVICOLA e CONSULTÓRIO
- * JORNALZINHO.

A revista agrícola mais completa e bem feita do Brasil.
Assinatura anual, Cr\$ 100,00.

Número avulso, em todo o Brasil, Cr\$ 8,00.

EDITORA "MUNDO AGRÍCOLA"

Av. São João, 239 — 1ª sobreloja — S. PAULO

(Caixa postal, 5892 — Telegramas: "AGROS")

Sucursais em todos os Estados.

PEÇA UM NÚMERO DE AMOSTRA, GRÁTIS!

O NELORE NA INDIA

(Conclusão da pag. 13)

cas Guzerá ou Cangreg nas planícies de Bombaim, bem como a sede do seu registro genealógico. As exposições de animais serão de preferência observadas, assim como o maior número de plantéis de bovinos em seleção, tanto de particulares, como de órgãos oficiais.

Além dos importantes aspectos de conjunto referentes a área geográfica de cada raça, desde o clima, o solo, as plantas forrageiras, as doenças, até o fator humano, está incluído na bolsa um amplo estudo dos caracteres raciais do Nelore, Gir e Guzerá. Há inúmeros detalhes de caracteres raciais relativos ao crânio, aos chifres, à orelha, à pelagem e etc., aos quais os criadores de zebú dão considerável valor no Brasil. Em torno desses pontos criaram-se mitos, invenções e modas, de maneira a representar falsos critérios de seleção, com prejuízo ao melhoramento econômico dos rebanhos. Dispondo de

um material numericamente fabuloso e até certo ponto livre da interferência humana segundo os padrões ou preferências brasileira, é recomendável fazer criteriosa coleta de dados e observações para uma possível revisão do assunto e estabelecimento da verdade sobre os caracteres de cada raça. A pelagem da raça Gir, a cor da pele e o tamanho da orelha da raça Nelore, a forma do crânio da raça Cangreg, cons-

Iª Exposição . . .

(Conclusão da pag. 42)

o dia 27, expressivos festejos assinalaram o decorrer da I Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Alfenas. Aos visitantes foi oferecido um lauto jantar no dia 24, reinando no mesmo grande cordialidade, tendo discursado o deputado Manoel Taveira e os srs. Prof. Lucas Bento da Fonseca, Dr. Gustavo do Vale e outros mais. Durante a semana foram realizadas partidas de futebol, bailes e representação da peça "O Zebu-

zeiro", além de outros festejos promovidos pela cidade que esteve em grande animação.

ENCERRAMENTO

Finalmente, após os grandes êxitos que a distinguiram, foi encerrada a I Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Alfenas, em solenidade realizada na noite do dia 27, nos salões da Associação Rural.

Discursaram na ocasião o dr. Jorge de Souza, presidente da Associação Rural, Dr. Caio Franco de Carvalho, técnico do DPA, dr. Pedro Martins de Siqueira, Prefeito de Alfenas, finalmente, o dr. Gustavo do Vale, Diretor do D.P.A.

Todos os oradores manifestaram seu contentamento pelo êxito da Exposição, preconizando o início de uma nova fase na pecuária sul mineira.

A ENTREGA DOS PRÊMIOS

Como término da solenidade de encerramento, procedeu-se então à entrega dos prêmios aos expositores, sob a forma de valiosas taças oferecidas pelo comércio e pela indústria locais. Também aos participantes da seção industrial foram oferecidos vários prêmios.



HERTAPE

(Virus OA-OC)

Vacinas HERTAPE contra

- * RAIVA
 - * MANQUEIRA
 - * PESTE SUINA
 - * BATEDEIRA
- DOS SUINOS

**Laboratório
Hertape Ltda.**

CAIXA POSTAL, 692
BELO HORIZONTE - Minas

ZEBU

Fone, 11.07 — Caixa Postal, 39
R. Artur Machado, 10-A - Uberaba
Dir. proprietário - Ari de Oliveira

ASSINATURAS

Brasil	Cr. \$60,00
sob registro	Cr. \$80,00
Número avulso	Cr. \$5,00
Estrangeiro (sob registro)	Cr. \$100,00

VENDA AVULSA

ARAGUARI — J. Campos & Irmãos —
Rua dr. Afranio.
BELO HORIZONTE — Agência Sici-
liano — Rua Goiás, 58.
CURVELO — Livraria «Castro Alves»
— Av. D. Pedro II.
GOIÂNIA — Agência Manarino —
Grande Hotel.
PASSOS — J. R. Stockler — Agência
Passos — Pr. da Matriz, 20 - A.
RIBEIRÃO PRETO — Angel Castrovie-
jo — Agência São Paulo.
SALVADOR — Alfredo J. Souza &
cia. — R. Saldanha da Gama,
S. PAULO — «A Intelectual» Viaduto
Santa Ifigênia, 281.
UBERLANDIA — Agência Lilla — Av. A-
tonso Pena.

AGENTES NOS ESTADOS ALAGOAS

MACEIO — dr. Manoel do Vale Ben-
to — Pr. Floriano Peixoto, 26.

BAIA

ITABUNA — Hermenegildo de Souza —
Trav. Adolfo Leite.
JEQUIÊ — Osvaldo Silva — Livraria
Sudoeste.
MIGUEL CALMON — Aduato Liberato
de Moura.
SALVADOR — Coop. Inst. de Pecuária
da Bahia — Rua Miguel Calmon, 16.
VITÓRIA DA CONQUISTA — João
Cairo.

CEARÁ

CRATO — Geraldo Gomes de Matos —
Rua Senador Pompeu, 99.

DISTRITO FEDERAL

RIO DE JANEIRO — João Ferreira da
Costa — Red. «Vanguarda» — Av. Rio
Branco.

E. ESPIRITO SANTO

ALEGRE — José Adriano Pereira —
Praça João Pessoa.
BOM JESUS DO NORTE — Emami Fa-
rouquilha Almeida.
CACHOEIRO DO ITAPEMERIM — Ar-
quimedes Gonçalves Neves — Praça da
Matriz.
MUNIZ FREIRE — Antonio Bazzarella.

GOIÁS

ANAPOLIS — Hexosé de Velasco Ferreira
— Rua 7 de Setembro.
ANICUNS — Avelino Dias da Cunha.
BURITÍ ALEGRE — João G. Chaves —
Red. «O Burití».
CATALÃO — Miguel Lucas Junior.
CORUMBAIBA — Bertolino da Costa Fa-
gundes.
FORMOSA — Sebastião Viana Lobo.
GOIÂNIA — Isorico Barbosa de Godói.
— Rua Viní e Um, n. 12.
GOIANDIRA — Geraldo Gonçalves de
Araujo.
IPAMERI — Mário Vaz de Carvalho —
Av. S. Vicente de Paulo.
JATAI — Jair Gouvêa França.

JARAGUA' — Euvaldo Carvalho Fontes.
MINEIROS — Antônio Paniago.
PIRACANJUBA — João da Costa
& Silva.
PIRES DO RIO — Zacarias Braz. Rua
Goiás, 441.
SANTA HELENA — José de Freitas F.
— Assi Rural.
TRINDADE — Ezequiel Dantas — Granja
Guanabara.

M. GROSSO

AQUIDAUANA — Paulo Mendes Mar-
quez — Hotel Vitória.
CORUMBA — Afonso Cerqueira Cesar.
o ADÃO LIMA — Rua Tiradentes, 286.
CAMPO GRANDE — Antonio Mendes
Amado — Hotel Inca.

MARANHÃO

S. LUIZ — Ramos de Almeida — Praça
João Lisboa, 114.

MINAS GERAIS :

ANDRÉ FEERNANDES — srta. Ety
Reis e Antonio Eels.
ALFENAS — Jorge de Souza.
ARAXÁ — Valtér Batista — Av. Ole-
gário Maciel.
ARAGUARI — Carlos Guimarães.
ATALEIA — Alfredo Alves Teixeira.
BARBACENA — José Fr.º de Assis —
Pr. dos Andradas, 95.
CAMPINA VERDE — Astolfo Lopes Can-
gado — Prefeitura Municipal.
CASSIA — B. M. Alves — Agência de
Jornais e Revistas.
CLAUDIO — Elias Canaan — Casa «Santa
Terezinha».
COM. GOMES — Aduato de Oliveira —
Prefeitura Municipal.
CONCEIÇÃO DAS ALAGOAS — Srta.
Kermes Mauad — Agência do Corréio.
CONQUISTA — Geraldo Abate — Pre-
feitura Municipal.
CONSELHEIRO PENA — Gastão José de
Souza.
CAMPESTRE — José Santoro.
CURVELO — Claudovino de Carvalho.
DIVISA NOVA — André Pereira Rabêlo.
DORES DO INDAIA — Diário de Oli-
veira Clementino.
ESTRELA DO INDAIA — Alvimar Au-
gusto de Oliveira.
FRUTAL — Srta. Iraci Martins — Rua Se-
nador Gomes.
FORMIGA — Edmundo Soares Lins.
GOUVEIA — Luciano Tameirão —
Av. Juscelino Kubitscheck.
GOV. VALADARES — Geraldo Mon-
teiro de Barros — Banco do Brasil.
GUAXUPÉ — José Lessa Couto.
IBIA' — Antonio Hermeto de Paiva Reis
— Ag. de Estatística.
ITUÊTA — Antonio Rocha Sampaio —
Rua Ana Maria, 128.
ITURAMA — Rui Pereira — Coletoria Es-
tadual.
ITAÚNA — Luiz Ribeiro Neto — Rua
Josias Machado, 62.
MACHADO — Benedito Moraes — Av.
Rio Branco, 214.
MONTES CLAROS — G. Edmundo
de Oliveira — Rua Simeão Ribeiro, 21
MONTE SANTO DE MINAS — Adal-
berto Grégorio da Silva — R. Presidente
Vargas, 31.
MURIAE' — Ulysses Souza Bezerra — Rua
Benedito Valadares, 711.
PARA' DE MINAS — Hélio de Melo
Mendonça — Rua Benedito Valadares, 224.
PARAGUASSU' — Sinval Lauro Ribeiro
— Cx. Postal, 19.
PARAISO — Plínio Caiuby de Moura
— R. dr. Placidino, 1264.
..PASSOS — Srta. Emília Dias Lemos — Rua

Cristiano Stockler, 88
PATOS DE MINAS — José Domingos
Araujo — Cx. Postal, 170.
PEDRO LEOPOLDO — Jaime Evangelista
Martins — Inspetoria do Fomento.
PERDIZES — Ataíde Alvarenga de Re-
zende — Prefeitura.
PIRAJUBA — Antonio da Costa Brandão.
PRATA — Oto Freitas Souto — Praça
Fernando Terra.
RIO PARANAIBA — José Rezende Varga
— Rua Atanásio Gonçalves.
SACRAMENTO — Fôso Maluf — Cartório
do 1.º Ofício.
SALINAS — Nuno Lages Filho.
SANTA JULIANA — Srta. Vera Abud —
Prefeitura Municipal.
STO. ANTONIO DO MONTE — José Fran-
cisco de Oliveira Brasil.
S. GOTARDO — Ronan Rezende —
RIO DE JANEIRO (Est. do)
ITAOCARA — Ayrton Pinheiro de
Almeida.
ITAPERUNA — Casa do Fazendeiro —
Rua General Osório, 382 b.

PARÁ

BELEM — Pará — João A. de Melo e Silva
— Coop. Ind. Pecuária do Pará — Rua
Gaspar Viana, 48/54.

PARAIBA

JOÃO PESSOA — Celso Paiva Mesquita
— Rua Beaupaire Rohan, 275.

PARANÁ

JANDAIA DO SUL — João Alves de
Lima — Caixa Postal, 216.

PERNAMBUCO

CORRENTES — Sebastião Leal Vascon-
celos — R. João Pessoa.
RECIFE — dr. Aluisio F. Costa —
D. P. A. — Av. Caxangá — Cordeiro.
R. G. DO NORTE
CEARÁ-MIRIM — Jurandir de Araujo
Carvalho.

SÃO PAULO :

ARAÇATUBA — Tadashi Tacaliguti —
Praça Rui Barbosa, 400.
ARARAQUARA — José Pereira Bueno —
Av. 15 de Novembro, 628.
BARRETOS — Agroveterinário «Monte
Castelo» — Av. 19 n. 752
BARRETOS — Orlando Augusto —
Ass. Rural Vale Rio Grande — Rua «14»
n. 822.
FRANCA — Miguel Massei — Ass. Ru-
ral do Vale do Sapucaí —
GUAIRA — Jesus Prata.
ITAJOBÍ — Wanderley Gerlack.
PORTRENDABA — José Cândido da Si-
queira.
PRES. PRUDENTE — Raul Nildo Guerra
— Associação Rural — Rua Nilo Poçanha.
SÃO PAULO — Francisco Marino — R. 7
de Abril, 230 - 5.º — Fone, 36-37-35.
STO ANASTÁCIO — Antonio Marchi.
TANABI — Bras Sauro.
RIO GRANDE DO NORTE
CAICÓ — Sandoval Medeiros — Agência
Postal Telegráfica.
NATAL — Luiz Romão — Av. Tavares
de Lyra, 48.
RIO GRANDE DO SUL :
ALEGRETE — Higio Gonçalves — Rua
Demétrio Ribeiro, 124.
S. LOURENÇO DO SUL — Damásio Eva-
risto Soares.
PORTO ALEGRE — Inácio Elizeiro — Ga-
leria Municipal, 127.
SANTA CATARINA :
CURITIBANOS — Henrique Carneiro de
Almeida.
SERGIPE
ARACAJU — Luiz Andrade — Seção
do Fomento.

DEZEMBRO

A Lavoura do mês

NORTE — No norte do Brasil continuam as plantações de algodão, arroz, cana de açúcar, feijão, mandioca, milho; colhem-se fumo, cana, abóboras, melancias, mamona, castanhas, sapucaia e outras frutas. Começa a colheita do guaraná; fabrica-se a borracha e beneficia-se o fumo.

CENTRO E SUL — No Brasil central e no sul continuam as plantações de cana, arroz, hortaliças; e no sul também trigo, cevada, aveia, alpiste, feijão e milho. Faz-se a poda verde (de ceirão) nas vinhas, atando bem os sarmentos para protegê-los contra as ventanias. Sulfatam-se as vinhas. Amadurecem as mangas, pitangas, goiabeiras, cajús, mamões. Cessam as sementeiras de hortaliças.

SUL — No sul começam as colheitas de trigo, cevada, centeio, aveia, alpiste e feijão. Colhem-se linho e cebola. Plantam-se batatas doces, milho, aboboras tardias e feijão amarelo. Trasplantam-se as sementeiras dos meses anteriores, regando-se regularmente depois de transplantadas.

DIAS INDICADOS PARA:

Capinar e destruir plantas nocivas: 1, 3, 4, 6, 11, 16, 17, 20, 22, 26, 28, 29, 31.

Plantar: 2, 4, 6, 7, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31.



FASES DA LUA

Q. Crescente	—	3
Lua Cheia	—	9
Q. Minguante	—	17
Lua Nova	—	24

31 DIAS — 1954

1 Quarta	<i>Sta. Natália</i>
2 Quinta	<i>Sta. Elisa</i>
3 Sexta	<i>São Cassiano</i>
4 Sábado	<i>Sta. Bárbara</i>
5 DOM ^o	<i>São Geraldo</i>
6 Segunda	<i>São Leôncio</i>
7 Terça	<i>Sto. Ambrósio</i>
8 Quarta	<i>Imac. Conceição</i>
9 Quinta	<i>São Leandro</i>
10 Sexta	<i>Sta. Eulália</i>
11 Sábado	<i>Sta. Júlia</i>
12 DOM ^o	<i>Sta. Amélia</i>
13 Segunda	<i>Sta. Lúcia</i>
14 Terça	<i>Sto. Espiridião</i>
15 Quarta	<i>Sto. Eusébio</i>
16 Quinta	<i>Sta. Albina</i>
17 Sexta	<i>São Viviano</i>
18 Sábado	<i>N. S. do Amparo</i>
19 DOM ^o	<i>São Fausto</i>
20 Segunda	<i>Sto. Alfredo</i>
21 Terça	<i>São Tomé</i>
22 Quarta	<i>São Flaviano</i>
23 Quinta	<i>Sta. Vitória</i>
24 Sexta	<i>Adão e Eva</i>
25 Sábado	NATAL
26 DOM ^o	<i>São Marinho</i>
27 Segunda	<i>São João Evang.</i>
28 Terça	<i>Santos Inocentes</i>
29 Quarta	<i>São Davi</i>
30 Quinta	<i>Sta. Anísia</i>
31 Sexta	<i>São Silvestre</i>

Horóscopo do mês

PARA OS NASCIDOS ENTRE
22 DE DEZEMBRO E 20 DE
JANEIRO

Tôdas as pessoas nascidas neste período têm o Sol na signo de Capricórnio, governado por Saturno.

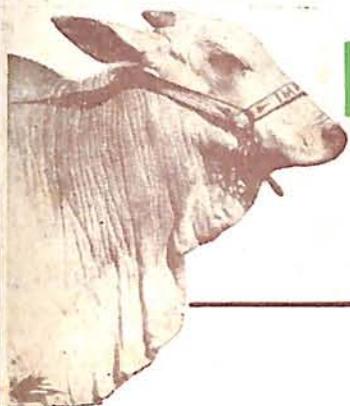
O Sol, neste, confere uma certa ambição de poder e notoriedade, bem como a capacidade para dirigir e orientar os outros. Se outras influências no horóscopo forem favoráveis, a pessoa poderá atingir uma posição mais elevada na vida, do que o nível social em que nasceu, conquistando estima e reputação. Há possibilidade de ocupar, mais cedo ou mais tarde, uma posição na vida em que terá oportunidade para organizar e dirigir. Não é muito favorável às amizades. A mente é reservada e conservadora.

FLÔRES: — Rosa de Noël, jasmim e violeta.

PEDRAS PRECIOSAS: — Principal: turquesa; complementares: safira e esmeralda.

PERFUMES: — Tolú, violeta, rosa, jasmim e bálsamo do Perú.

CÓRES: — Marron, Grená, par-da e todos os seus matizes.

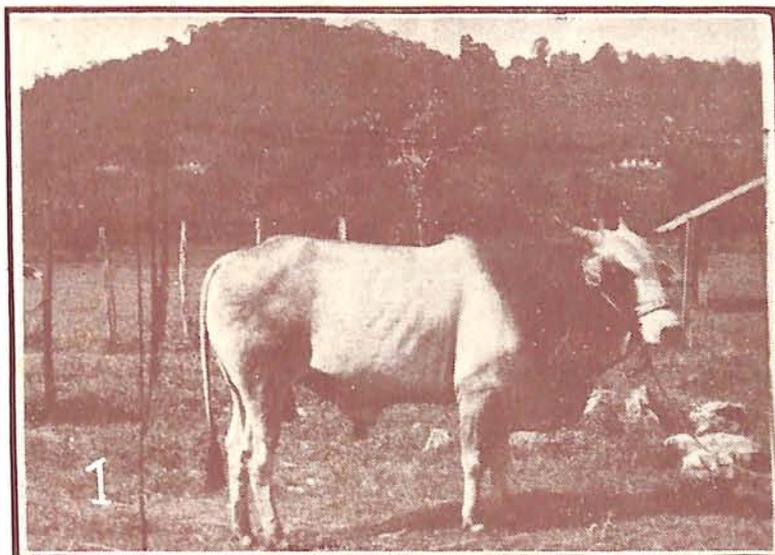


Fazenda Guanabara



ESTAÇÃO BARRA DO CANHOTO
ESTADO DE ALAGÔAS

A' direita, FAMOSO, Reg. 859, um dos chefes do nosso plantel. E' filho do grande raçador RAJAH-OM, reg. 1.001 e ITAPEMA do Itai e neto do importado CAPIMERIM.



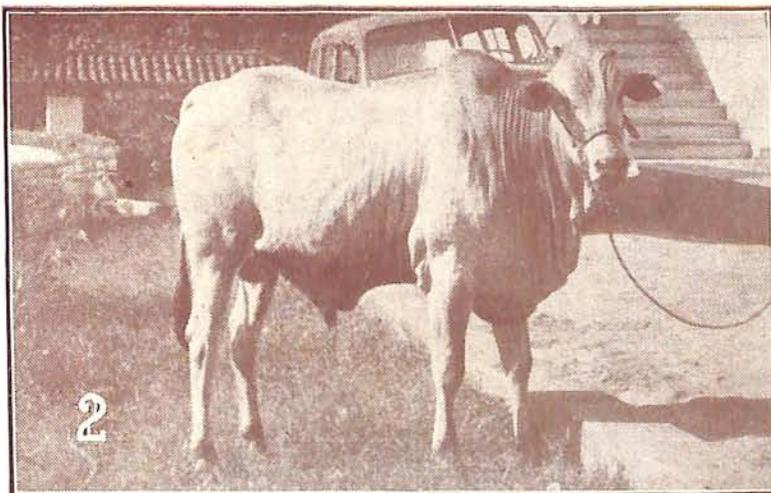
SENHORES NELORISTAS!

VENHAM CONHECER O NOSSO PLANTEL, O MELHOR E MAIS NOVO REDUTO DO PURO NELORE DO BRASIL, PROPRIEDADE DOS

Irmãos Rocha Cavalcanti

criadores que vendem animais acompanhados de certificados de registro genealógico, responsabilizando-se pela pureza dos mesmos!

A' direita, temos a satisfação de apresentar o reprodutor KANTOM, última aquisição do nosso plantel, descendente de uma das melhores genealogias do País: filho de PROVIDOR, neto de TAULA e bisneto do importado CAPIMERIM.



Correspondência: IRMÃOS ROCHA CAVALCANTI - Estação Barra do Canhoto - Alagôas

Sociedade Rural do Triângulo Mineiro

Fundada em 18 de Junho de 1934 — Concessionária exclusiva para todo o Brasil, do Registro Genealógico das raças bovinas indianas — Indubrasil, Gir, Nelore e Guzerá — de acordo com o contrato lavrado com o Ministério da Agricultura.

R. CEL. MEL. BORGES, 34

UBERABA

TELEFONE — 1590

DIRETORIA :

Presidente:

ADALBERTO RODRIGUES DA CUNHA

Vice-Presidentes:

EDMUNDO MENDES

DR. LAURO FONTOURA

Secretário Geral:

JOSÉ SEVERINO NETTO

1.º Secretário:

MANUEL SILVEIRA

2.º Secretário:

BRUNO DA SILVA OLIVEIRA JR.

1.º Tesoureiro:

JOAQUIM PRATA DOS SANTOS

2.º Tesoureiro:

MARIO CRUVINEL BORGES

CONSELHO DELIBERATIVO:

FABIO

MAXIMO JUNQUEIRA — TORRES HOMEM RODRIGUES CUNHA — DR. LUIZ CALCAGNO JR. — RANDOLFO BORGES JR. — DR. JOÃO REZENDE.

Suplentes: JOSÉ BENDO JR. — JOSÉ

PRATA SOUTO — G. TITO RODRIGUES DA CUNHA — RIVALDO MACHADO BORGES e SILVIO CAETANO BORGES

CONSELHO FISCAL:

ANGELO ANDRÉ

FERNANDES — EDMUNDO C. BORGES — OSWALDO CRUVINEL BORGES.

Suplentes: OTAVIO BOAVENTURA —

WALTER DE CASTRO CUNHA — MARDÔNIO PRATA DOS SANTOS.



REGISTRO GENEALÓGICO DAS RAÇAS DE ORIGEM INDIANA

Diretor:

HILDO TOTTI

Vice-Diretor:

ANGELO ANDRÉ FERNANDES

Tesoureiro:

JOSIAS FERREIRA SOBRINHO

Secretário:

VALTER FERNANDES

